



Coelho De Moraes

OS PECADOS
DA TRIBO
roteiro

adaptado da obra de José J. Veiga

Direitos de Cópia para

Cecília Bacci & Guilherme Giordano

ceciliabaccibscm@yahoo.com.br

menuraiz@hotmail.com

19 36651916

EDITORA ALTERNATIVAMENTE

produtoresindependentes@yahoo.com.br

www.produtoresindependentes.zip.net

TIRAGEM 8500 POR E-MAIL / CULTURA BRASILEIRA

<http://escritoresbrasileiros.ning.com/profile/COELHODEMORAESDOWNLOAD>

ESTADA EXCLUSIVA / PÁGINA DE IDEIAS

<http://www.paginadeideias.com.br>

Coleção BROCHURA / PDF / ESPIRAL

Capa

COELHO DE MORAES sobre foto de FREDERICK VAN AMSTEL

coelhodemoraes@terra.com.br

Cidade de Mococa

São Paulo

2010

3º TRATO

OS PECADOS DA TRIBO

Roteiro de Coelho De Moraes,
adaptado da obra de José J. Veiga

Personagens: O Herói, Rudêncio, Consulesa, Cônsul, Pessoa, Pessoa 2 , grupo de festeiros, rapaz com cicatriz, Mamãe, Zulta, Eduardo, Turunxa, turunxas, dois rapazes, dois garotos Obelardos, três Homens a: b: c:, vizinha, Velho Obelardo, Rapazes, Oldívio, Tales, Anaxímenes, Anaximandro, Encapuzado do lago, outras pessoas 1, 2, 3. Garotos. Povo.

CENA 1

EXT. DIA NUBLADO / CHUVISCO

(“Fecha” na mão do TURUNXA que obstrui janelas, com pasta-cola verde e impondo fitas verdes /largas /vistosas. Turunxas fazem isso. Inscrito num painel: INTERDITADO. O Herói, mãos nos bolsos se aproxima, olhando com certa pena e curiosidade.)

HEROI

O que está acontecendo?

TURUNXA

(não para de fazer o que faz)
Não vê? Interditamos o prédio.

HEROI

Não era aí que faziam a reunião do povo?

TURUNXA

Era... (meio duro) por quê?

HEROI

(rápido na resposta)

Vocês fecham em boa hora, imagino.

TURUNXA

O senhor também notou?

HEROI

Bem... não sei qual foi a causa imediata. Mas as causas remotas...

TURUNXA

Moço, em nosso departamento não deixamos que nenhuma causa se torne remota. Remota! Nem sei o que é isso. O nosso lema é cortar o mal pela raiz. A raiz, aqui, foram os ratos. A

casa estava cheia de ratos.

HEROI

Ratos?

TURUNXA

É. Está aqui, olhe (tira um papel do bolso. HERÓI vai pegar o papel / o TURUNXA puxa). Na minha mão. Na minha mão! É documento oficial. Não pode ser tocado por estranhos nem gente que não usa farda.

HEROI

Qualquer farda?

TURUNXA

(pensa muito / pesa todas as possibilidades)

E... qualquer farda.

(HERÓI sorri sem graça e entorta a cabeça para ler direito, com todo cuidado).

HEROI

Na ultima sessão da Casa do Couro... ouviram chiados... de ratos debaixo do soalho.

TURUNXA

Satisfeito? (recolhe o papel) A ordem é esfumaçar tudo imediatamente. Acabar com os ratos.

HEROI

Quando vai ser reaberta? Os Couracas são representantes do povo, o senhor sabe. Nessa casa se reúnem todas as segundas para discussão dos problemas da nossa comunidade. Fazem leis...

TURUNXA

(recolhe seu material e equipamento)

Sei. Devem abrir depois da esfumação e da matança dos ratos, é claro. Na Casa do Couro, comprovou-se, tem muito rato. (tomando das maletas de metal / utensílios) Mas, não é o meu

departamento.

HEROI

Dentro de dois ou três dias?

TURUNXA

Normalmente seria. Mas nas atuais circunstâncias... (cara de nojo) Uma rataiada danada...

TURUNXA 2

(grita de longe)

Vamos embora, homem...

TURUNXA

(grita de volta)

Um momento. Estou esclarecendo um cidadão. (volta-se para o HEROI). Há dificuldades com as Indústrias: a da de Química, a da fabricação de Gelatina, a da Tapação de Buracos, a dos Móveis e a das Latas. Uma espécie de recessão. Há muita esfumação para fazer e as fábricas não dão conta, parece... então há prioridades... os locais onde as pessoas se juntam de vez em quando, por exemplo, vai para o fim da lista.

HEROI

Então a Casa do Couro vai ficar fechada por muito tempo?

TURUNXA

(dá de ombros)

Não sei... É o que parece. Tenho que ir.

HEROI

Tem uma ideia de quanto tempo?

TURUNXA

Não sou adivinho. Mas, se não ocorrer um fato novo receio que a atual geração não deverá se preocupar com a Casa do Couro.

(Turunxa sai / Tomada à distancia. Os caminhões partem.

HERÓI fica sozinho olhando para a Casa do Couro,

ensimesmado, olha para os lados, furtivo e temeroso. Sai também, mão no bolso, sob a garoa)

CENA 2

EXT. CASA DO HEROI / DIA

(Rudêncio está por lá, perto da cerca que dita da Varanda e recebe o HEROI que chega da cidade)

HEROI

Viu? Fecharam a Casa do Couracas. Assim, sem mais nem menos...

RUDENCIO

Contanto que não esfumacem os rios, tá tudo bom.

HEROI

Você só liga pra isso. A Casa do Couro não vai funcionar mais. Perdemos os representantes da cidade...

RUDENCIO

Ui! Disseram que tava cheio de ratos por lá...

HEROI

(irritado)

Isso não importa, Rudêncio... era a maneira que tínhamos de falar...

RUDÊNCIO

É... ai acaba aquela baderna... Ah! O Cônsul está aí. Quer falar com você.

HEROI

(HEROI entra e vê o CONSUL olhando as plantas na varanda)

O senhor Cônsul deseja?

CONSUL

(cumprimentam-se)

Ora, ora, eu vinha andando e por coincidência passei pela sua casa...

HEROI

Como vão as viagens a Altamata, lá pras bandas da Mais que a
Cidade?

CONSUL

Ainda bem que tocou no assunto. Um fracasso. Fui até São
João do Castelo. Deu tudo errado.

HEROI

Mas por que?

CONSUL

Por causa da senhora Consulesa. Ela queria parar a todo
instante para invocar a história do local. Ela acha um lugar
bonito, para e começa a sua invocação. E, isso não pode...
Depois que descobriu esse processo de invocar a história ela
não serve mais para companhia de viagens com prazo marcado.

(ri amarelo)

HEROI

(faz o Consul se sentar e vai buscar água ou bebida em
cântaros para servir)

Deve ser fascinante... reconstituir acontecimentos passado
em um lugar, partindo da paisagem, das marcas deixadas pelas
pessoas que os viveram. Funciona mesmo?

CONSUL

Parece que funciona. Mas em viagem é um estorvo.

HEROI

Ela deve saber coisas que ninguém sabe. Gostaria de
conversar com ela.

CONSUL

Quer mesmo?

HEROI

Muito.

CONSUL

Então... por que não a recebe aqui por algum tempo?

(olham-se / suspeições no ar)

Ela passava uns dias aqui instruindo e distraindo vocês e eu aproveitava para completar minha viagem. Que tal? (HEROI espantado. O CONSUL se levanta) Então está combinado (aperta a mão de HEROI). Amanhã cedo ela vem.

(CORTE)

(Pés de CONSULESA. Tomada subindo dos pés ao rosto. Bela mulher. Ar irônico. Cortes sucessivos para suas tralhas. Cortes para o sorriso da mulher.)

(FUSÃO)

(Cena de jantar com MÃE e ZULTA e HEROI e CONSULESA. Felizes. Trocam pratos e servem-se. Divertidos. Corte para passeios de HEROI e CONSULESA. Passeio pudico intercalado com imagens dos dois na casa sob olhares suspeito da MÃE e de ZULTA. Passeio sobre ponte e lago. CONSULESA carrega um embornal).

HEROI

Então a senhora invoca a história...

CONSULESA

Você... eu já disse...

HEROI

Eu?... não invoco nada...

CONSULESA

Você... nada de senhora... invoco sim.

HEROI

Isso não é brincadeira ou engano seu? Sabe? Um tipo de delírios daqueles que a gente tem quando toma o Daime ou o licor de Jurema?

CONSULESA

(não liga)

Não, não é.

HEROI

Um tipo de devaneio.

CONSULESA

Não. Não é nenhuma fantasia. É uma causa real.

HEROI

Então mostra.

(param perto do lago. CONSULESA se posiciona para meditar.

Orações e preces estranhas murmuradas. Fala coisas, estremece, rodopia. Dança muito original. HEROI não tira os olhos de seus pés).

CONSULESA

A concentração não está boa. (tenta novamente) Falta um pouco de sintonia. (tenta) Há muita interferência aqui. E, depois... você não para de olhar para meus pés.

(CONSULESA sorri ao ver HEROI sem jeito)

Gosta deles? São bem bonitos, não são?

(de repente ela começa a entrar em sintonia / grande ritual / o que ela relata pode seguir com imagens paralelas confirmando a coisa)

Aqui as águas subiram... sumiu o povo... sumiram as casas... todos se mudaram para as montanhas... construíram cais e portos...

(um ataque repentino / delírios e chacoalhos)

Alí... soldados roxos vieram com cavalos armados... bateram nos jovens... gozaram de prazer... voltaram para os quartéis e ficaram parados ali...Na verdade não tinham o que fazer...

(outro ataque repentino / delírios e chacoalhos)

Lá... lá do outro lado do rio... o incêndio devastou as plantações... os bancos lucraram... as crianças morreram de fome... as gentes se mudaram para longe...

(CONSULESA vai ao chão num espalhafato / desmaia / ofegante / e HEROI só se preocupa em tocar os pés dela. Ela para de ofegar se levanta e olha para o que o HEROI intenta / e ele

nem percebe).

CONSULESA

Você só está pensando em meus pés. Você está com vontade
pegá-los.

HEROI

Sim. Eu confesso. (sem tirar os olhos) Seus pés estão me
tirando o sossego.

CONSULESA

E aqui?

(mostra o decote profundo)

Nada aqui te interessa?

HEROI

Não... Eu mamei o suficiente... agora os pés... os teus pés,
especificamente...

CONSULESA

(CONSULESA molha os pés no lago e põe sobre o colo de
HEROI).

Se quiser, pode alisá-los

(CONSULESA se deita. HEROI

está aturdido e começa a pegar os pés com certa força).

Você não tem um pouco de mel, por aí? Ou calda de ameixas?

HEROI

(procurando no embornal)

Tenho geléia de morango, serve?

CONSULESA

Serve. (HEROI acaricia os pés com geleia e CONSULESA geme
cada vez mais intensamente. De repente, tira os pés). Chega.

Não sou de ferro.

HEROI

Só mais um pouco.

CONSULESA

(se levanta)

Não senhor. É chega mesmo.

HEROI

Estava tão bom... só mais um pouquinho...

CONSULESA

Outro dia. O mundo não vai acabar hoje. Já é tarde e eu
estou com sono.

(Ela sai na frente / Seguem caminhando pela borda e do outro
lado do lago tem um festeiro com tochas, fantasias, paus-de-
rumba, afoxês, e reco-recos e pandeiros. A festa domina o
cenário ao fundo enquanto eles se aproximam.)

HEROI

Vamos lá, dar uma olhada? Dançar um pouco?

CONSULESA

Enquanto meu marido estiver fora eu não quero ser vista em
festas.

HEROI

Muito sensato...e... tem notícia do senhor Cônsul... quando
volta?

CONSULESA

(encarando)

Por que? Está com medo?... ou com remorsos?

HEROI

Com remorsos... não digo... estou é com medo mesmo... Ou os
dois...

CONSULESA

Eu sabia. Você tremia o tempo todo. Quando vocês tremem
assim é porque estão morrendo de medo.

HEROI

Você?...

(espantado / sem graça, olha para o chão)

Então eu não sou o único que acariciei...

(levanta os olhos e vê que CONSULESA se juntou aos dançarinos e levantou as saias, desceu o decote, canta e dança e vai se afastando com o grupo. HEROI observa).

Mulheres!

(Volta sozinho. Finda cena no grupo ao longe em festa, com reflexos dos archotes nas águas do lago. Desvanece som e imagem).

CENA 3

EXT. Casa de HEROI.

(ZULTA se aproxima da MÃE que olha para o céu / por do sol, sentada à soleira da porta)

ZULTA

A senhora está bem? Precisa de alguma coisa?

MÃE

As naus celestes. São poucas, agora. Procuro... procuro e vejo poucas.

ZULTA

A senhora precisa reagir... não pode se entregar para a doença.

MÃE

Muita gente sábia viajava nelas. Sabiam tudo. Como seu pai. Seu pai já foi chefe dos Couracas. Muita gente respeitava seu pai. Seu pai sempre foi homem de opinião e... pior...
cumpria o que dizia...

(HEROI se aproxima, dá o caneco de barro para a mãe beber)

HEROI

Já sabemos disso, mamãe.

MÃE

Sempre é bom repetir... Grande caçador de Arugas, seu pai. Forte, esperto... voltava das caçadas com a carroça cheia de

capivaras...

ZULTA

A senhora vem contando essas histórias o tempo todo, mamãe.

MÃE

Tenho saudades de seu pai... homem bonito... É pra não esquecer...

HEROI

Lá na cidade, parece... esquecem de tudo... já esqueceram que a Casa do Couracas foi fechada... ninguém liga... parece.

ZULTA

A senhora quer mais alguma coisa... uma sopa?

MÃE

(devaneia)

Você (para HEROI) e Rudêncio perturbaram a cerimônia de evaporação de seu pai... Eram crianças... ficavam rindo e brincando...

HEROI

Isso custou bem caro para nós... tivemos que ficar pendurados em balaios e só comíamos tatu, lagartixa, gravatá, gabirola...

MÃE

Você eram impossíveis... mas a Casa do Couro era o poder máximo do povo... e seu pai o grande representante... um exemplo... (suspiro) Acho que ser exemplo não é boa coisa... Ser bom exemplo...

HEROI

É... Mas, Rudêncio sempre se dava bem nessas coisas... até hoje é muito respeitado, mesmo porque é casado com a filha do Caincara...

ZULTA

Ele nem liga para as coisas nossas nem da terra... lembra dos Lucendas?, quando evaporaram os Lucendas por causa

daqueles objetos que eles guardavam?... aquelas coisas que invocavam a memória?...

HEROI

... E que deveriam estar recolhidos nos Armazéns Proibidos...

ZULTA

O que Rudêncio disse?

HEROI

Bem feito... foi o que ele disse... E logo depois estava dono da casa dos Lucendas...

MÃE

Com a Casa do Couro foi a mesma coisa... ele nem ligou... disse que era um lugar de discussões e muita discórdia... cheia de ratos...

HEROI

pra mim os ratos faziam parte do negócio... Não há Casa do Couro sem um ratinho, ao menos... Ele acha que agora o território ficou sossegado... todo mundo em paz.

RUDENCIO

(surge repentino / um tapa nas costas de MÃE, que cambaleia)
Vê se esquece essa mania de doença, minha velha. Minha sogra é mais velha do que você e ainda dança a carangola. (Ri canalha) Falavam de mim? (busca na matula) Enquanto falam de mim eu trago presentes para vocês. Para mamãe esse colar.

(olha para HEROI e ZULTA)

deixem de paparicar a velha que ela não tem nada. É tudo fingimento.

(MÃE se levanta e entra, bruscamente. Deixa o presente no chão, sai, HEROI e ZULTA vão atrás dela. RUDENCIO fica com cara de quem não entendeu. No quarto HEROI e ZULTA se aproximam da mulher deitada).

MÃE

Prometam para mim. ... não quero ser evaporada... prometam
(HEROI e ZULTA se olham) eu sei que é arriscado... que é
perigoso... (MÃE implora) mas vocês têm que dar um jeito...

Não quero ser evaporada... Vocês prometem?

(HEROI promete com a cabeça e ZULTA o segue / vemos em
segundo plano Rudencio que olha lá de fora)

CENA 4

EXT. TARDE. MATA

(HEROI passa pela mata, entre árvores, carregando um
fichário e chega no semi/deserto em ruínas. Desenha sempre
preocupado se alguém se aproxima / um e outro abrulho e ele
se esconde / De repente batuques. HEROI curioso , sem se
mostrar olha o que é. Percebe de outro lado algumas
pessoas... deixa a área do batuque e se dirige a elas / que
estão na estrada conversando / as pessoas usam manto branco
professoral e alguns amtos na cabeça como coroa / Tales anda
pela estrada de terra. Olha, Observa. Curioso e distraído.
Procura tudo onde encontra água. Mexe no barro. Anaxímenes
se aproxima)

HEROI

Vocês sabem do que se trata.... (apontando para o lado das
ruínas de onde veio) logo ali?

ANAXÍMENES

(olhando o HEROI) Quem é você? (para Tales) Ei... Fenício...
quem é esse sujeito?

TALES

(se vira / acena com a mão e sorri jovial)

ANEXÍMENES

(Para o HEROI)

Que faz aqui fora na estrada? Não é melhor voltar para sua
casa, ô menino?

HEROI

Eu não sou menino... Sempre andei nas estradas, ora essa.

ANAXÍMENES

(para Tales)

Acabou de chegar uma comitiva das ilhas para conversar com
você. (para o HEROI) Você faz parte da comitiva?

TALES

(espreguiça) Hoje não me interessa. Nem se forem...

turunxas...

ANAXÍMENES

(rindo) Não... são gente do Governo central...

TALES

Sei quem são. Riram de mim, um dia, quando disse que a água
é a origem de todas as coisas. Nascemos da água e
morreremos nela...

HEROI

Eu percebi nque a água do lago subiu um pouco... está masi
quente que de costume.

(HEROI presta muita atenção a tudo)

ANAXÍMENES

(para Tales)

É que o Mestre teima que a água é a "substância primordial"
e não há daimon que aguente uma coisa dessas. Eu acho que é
o ar... mas, quem sou eu...?

TALES

HEROI

Isso mesmo... quyem é você?

TALES

Água... A essência do universo... e, você, Anaxímenes, é
mais um que não acredita nisso.

ANAXÍMENES

Concordo com a parte de que há um "princípio único" para essa primeira natureza, digamos assim. Mas, para mim, pessoalmente, o "ar" é a substância primária... como já disse...

TALES

(olhando para o HEROI)

E, Anaximandro... O que acha?

(o HEROI indica com as mão que não é o tal ANAXIMANDRO)

ANAXÍMENES

... ANAXIMANDRO acha que os mundos são infinitos enquanto duram em suas perpétuas inter-relações. Um troço meio complicado. Ele inventou até um tal de negócio indeterminado. Não sei como é que ele determinou este indeterminado... em todo caso...

TALES

Sei... Que é que eu ensinei para vocês, então?

(virando-se para o HEROI, apressando o passo) Quem é você, afinal?

ANAXÍMENES

Ele entrou aqui sem ser convidado... (apressa o passo) deve ser um nativo... Mas, vamos lá que os visitantes podem ficar furiosas.

TALES

Deixa pra lá... (para e pensa olhando os ceús) Ainda existe dúvida de que o mundo evoluiu da água por processos naturais...?

ANAXÍMENES

Pode ser... não sei... talvez, uma espécie de seleção natural...

Pois bem... o EMPÉDOCLES segue essa linha de pensamento

TALES

Por que?

ANAXÍMENES

Ele disse: Sobrevive aquele que está melhor capacitado.(pausa) Mas com você a história é outra.

HEROI

Minha mãe e meu finado pai me ensinaram que...

ANAXÍMENES

(entra na frente do HEROI)

... Ainda não engoliram a explicação do eclipse do Sol, e nem a sua afirmação de que a Lua é iluminada pelo mesmo Sol. Todo mundo acha que a Terra está no meio do Universo...

TALES

(ri)

Ousados... É apenas meu esforço em buscar o princípio único da explicação do mundo. Uma espécie de campo unificado, se é que eu posso falar assim...

ANAXÍMENES

Mas, o pessoal daqui quer é saber o quanto de azeitonas colherão esse ano. Por isso esses visitantes. Tales... eles vieram a mando do Caincara... Você tem que ir, se não eles nos mandam embora...

(afastam-se deixando o HEROI sozinho)

HEROI

... Pois fica sabendo que e, esse negócio de dizer que a Terra é um prato que boia no oceano pegou mal...

(saem e deixam o HEROI na estrada / eles seguem / HEROI retorna)

CENA 5

INTERNA. CASA DO HEROI. DIA

(ZULTA atarefada na cozinha)

HEROI

Batuques! Ouvi uma algazarra lá pelos lados da várzea dos
Buritis.

ZULTA

Lá só tem caçador de marmota, que não serve para nada,
quase.

HEROI

Pois é.

ZULTA

Pode ser o pessoal do quilombo dos Arugas. Pode ser.

HEROI

Pode ser.

ZULTA

Pode ser...

HEROI

Pode ser...

(entra MÃE e vai em busca de água das moringas coloridas)

MÃE

Ouvi dizer que estão construindo mais palafitas lá no
brejo. Parece que não se cansam.

ZULTA

Pode ser pras visitas do Festival da Abóbora. Chegou muita
gente de longe.

HEROI

Festa de lançamento das abóboras... (ri um pouco) no
brejo... a graça de ver a abóbora se espatifar no chão,
espirrando miolo pra todo lado. (ri mais). Só pode ser coisa
para estrangeiro, mesmo.

ZULTA

É mesmo.

HEROI

É mesmo.

MÃE

É mesmo.

(Entra RUDENCIO)

RUDENCIO

É mesmo o que? Posso entrar?

(MÃE fecha a cara e sai. RUDENCIO observa mas faz que não
liga)

Alguém aí tá sabendo alguma coisa a respeito do povo lá da
várzea?

(HEROI olha para ZULTA, suspeitos).

HEROI

Sei de nada. Sabe mana?

ZULTA

Sei não...

HEROI

E você... sabe de alguma coisa?

RUDENCIO

Sei de nada. Só o que o povo ta dizendo. Povo fala...

HEROI

E o que é que eles andam dizendo?

RUDENCIO

Que eles se reúnem lá para comer estrume de cavalo.

ZULTA

Ai, que nojo! Por que estrume de cavalo? Promessa?

Sacrifício?

RUDENCIO

Isso é o que eu tinha vontade de saber. Fiquem atentos.

Se apurarem alguma coisa não deixem de me contar.

(RUDENCIO sai. Reaparece MÃE)

MÃE

Ele já se foi? Rudêncio está intragável?

HEROI

Mãe. A senhora sabe alguma coisa do povo da várzea?

MÃE

Me lembro do seu pai... um dia ele foi em viagem a Altamata e me disse que tinha um pessoal por lá que comia estrume de cavalo, não para matar a fome, mas para entrar em comunicação com espíritos... com o mundo invisível...

ZULTA

Então é um coisa espiritual.

MÃE

É. De religião.

HEROI

Então é um coisa espiritual.

ZULTA

Estrume de cavalo.

MÃE

É. De religião.

CENA 6

EXT. DIA. PALAFITAS

(Baloneiros - como soldados - ao lado de Turunxas, marcham destruindo as palafitas. O povo da várzea entra em conflito, armados de restos de abóboras, contra os baloneiros.

Turunxas param para olhar e riem. Começa a cair muito fogo de flechas. Briga de mão. Turunxas descem o cacete com paus.

Levam gente da várzea presos. Cena com ponto de vista de alguém que está de longe. A coisa começa de dia e acaba na noite. RUDENCIO se aproxima da casa do HEROI. No horizonte muito fogaréu e fumaça. Estão na entrada da casa, olhando).

RUDENCIO

Vê? Coisa de religião, mesmo? Botaram as manguinhas de fora.

ZULTA

O que aconteceu?

RUDENCIO

Atacaram fazendas e roubaram crianças... isso o que aconteceu...

HEROI

Tudo hoje?

RUDENCIO

Tudo hoje. (senta-se). Os baloneiros foram chamados para intervir. Pega água pra mim, Zulma. Coisa de religião, hein?

HEROI

E aí?

RUDENCIO

E aí que caçamos a todos. Mande os Turunxas.... Fomos obrigados... Muitos foram evaporados. Sobrou ninguém.

HEROI

Exagerado isso. Podiam ser presos, julgados, deportados...

RUDENCIO

Parece que eles comem crianças...

ZULTA

Conta essa história direito, irmão.

RUDENCIO

Eles pintam as crianças de vermelho e comem assada, com elas ainda gritando...

HEROI

Parece... parece... parece que você não tem certeza....

RUDENCIO

Às vezes a certeza atrapalha a ação... e, depois, seriam deportados para onde?

HEROI

Para o lugar de onde vieram.

(ZULTA retorna com um coité de água. RUDENCIO pega mas continua a falar e esquece de beber)

RUDENCIO

Não vieram de lugar algum. Investigamos tudo. Eles são daqui mesmo...

HEROI

Como pode ser isso? Nunca os vimos antes. Apareceram aí de repente.

RUDENCIO

Pois é. Apareceram de repente. E sabe como? Os cientistas disseram que brotaram do estrume dos cavalos que pastam na várzea. Bom... a conversa tá boa... (deixa de lado o coité) vou nessa. Até mais manos. (toma do cavalo e parte. HEROI e ZULTA observam e HEROI resolve tomar o coité de água que sobrou).

ZULTA

(séria)

Toma não! Toma não.

(Tensão / HEROI devolve o coité / troca de olhares)

CENA 7

EXTERNA. MANHÃ. PAISAGEM. CASA DO HEROI

(HEROI está etiquetando uns achados. ZULTA aparece de chapéu de palha e foice na mão. Joga tudo de um lado. Está com ar de choro).

ZULTA

Você é bom irmão?

HEROI

Como é que eu vou saber? Eu não sou meu irmão. Quem pode dizer é você.

ZULTA

É mesmo, não é? Então você quer ser um bom irmão?

HEROI

Ai a pergunta é diferente... Não tenho sido?

ZULTA

Não vamos falar de ontem. Vamos falar de hoje.

HEROI

Fale.

ZULTA

Quer dar um jeito em Eudaldo?

HEROI

Como dar um jeito?

ZULTA

Como Rudêncio fez com aquele Arugua que trabalhava aqui.

HEROI

Mas, não é para falar de ontem... Pensei que esse assunto estivesse enterrado para sempre. Não foi isso que combinamos?

ZULTA

Quer dizer que não quer.

HEROI

Não.

(ela sai parecendo conformada. HEROI mantém seu trabalho.

Aí nota que chega. EDUALDO com um pote no ombro).

EDUALDO

Ôla! Alguéns?

(deposita o pote no chão / dá umas bisolhadas)

HEROI

Entra, Eudaldo. Tudibom?

EDUALDO

O tempo tá bom, né?

HEROI

Ta, ta muito bom. (pausa. E cisca o chão, olha para os
lados)

EDUALDO

E Zulta? Está?

HEROI

(HEROI grita para dentro da casa).

Zulta. Visita!

EDUALDO

(sorriso amarelo / esperas / pausas)

Tivemos um pega lá em casa.

HEROI

Calculei.

EDUALDO

Ela está muito com raiva?

HEROI

Você vai ver.

EDUALDO

Quer um pouco de vinho? (HEROI nega e se mantém no
trabalho) É uma reserva especial.

HEROI

Noutra ocasião. Tô em pleno trabalho. Tenho que etiquetar
essas coisas que as crianças trouxeram para o Armazém
Proibido. Estou até atrasado.

(HEROI apanha o pote e vai ver ZULTA, lá dentro) Zulta! (ela
cozinha um caldo verde muito estranho. A coisa solta uma
faça preta sinistra. HEROI volta)

Ela está fazendo uma beberagem para minha mãe... acho. Está
um pouco doente, a velha. Mas, fala aí... como é que vai a
colheita de ruibarbos?

EDUALDO

Ta boa.

(pausa)

HEROI

E a venda de vinho. As árvores caneleiras?

EDUALDO

(nervoso)

Tudo bom. Tudo bom.

(entra ZULTA, com cara de anjo. Eles se encontram e encostam as testas, rodopiam. HEROI sorri e se prepara para sair)

HEROI

Seus indecentes... Vou até o poço e vocês se comportem...
desencostem essas testas pois é indecente, isso...

(sai. Vai para o poço, de longe o vemos. Primeiro plano ZULTA faz EDUALDO sentar-se. HEROI pega da água e de repente

tem um estalo / tudo lá no segundo plano)

(Flashs rápidos: ZULTA fazendo a tal sopa / olhar de ZULTA / sorrisos do EDUALDO / HEROI olha para eles / olhar esbugalhado / EDUALDO leva a cumbuca com sopa para a boca / HEROI vem lá de trás / EDUALDO espera)

Perai Edualdo. Perái! Vamos tomar uma canilha primeiro,
homem.

(esbarra nele de propósito derrubando a cumbuca).

ZULTA

(braba) Vou buscar outro.

(sai. Nisso uma galinha toma um pouco da sopa e morre na frente deles. E olhou pra H, arregalou os olhos, e sumiu, ao mesmo momento que ZULTA está retornando. Fechando alternativamente no rosto de HEROI e ZULTA. Tensão).

HEROI

Tu ta com uma mania, hein?

CENA 8

EXT. VARANDA DA CAS DO HEROI. MANHÃ

(ZULTA e Mulheres saindo com potes de barro / alarido de conversas / potes enormes e bonitos ; multicoloridos)

HEROI

Pegamos a carroça com os Oberlardos. Dá pra trazer muito peixe-balão.

RUDENCIO

Assim a gente aproveita esse Dia de Carimbagem de Potes e faz valer alguma coisa. Se não o dia fica perdido.

ZULTA

Só que vamos demorar. A gente só deve voltar lá pelo fim do dia.

HEROI

Nós também.

(saem para a estrada)

CENA 9

EXT. TARDEZINHA. CAI A NOITE

(Alternância de imagens entre folgedos da pesca e carimbagem de potes na cidade. Só as mulheres carregam potes. RUDENCIO brinca de imitar e HEROI morre de rir. Passa o tempo. É de tarde. RUDENCIO está meio tonto por causa da canilha)

RUDENCIO

Faz o seguinte. Precisa me dar peixe não. Tem só dois. Fica com um e dá a minha parte pros Obelardos pelo empréstimo da carroça.

HEROI

Tá bem.

RUDENCIO

Os peixe-balão sumiram do rio?

HEROI

Peixe-balão foge de algazarra e olha que nós fizemos um
bocado dela, quase.

RUDENCIO

Que foi divertido foi.

(saem para a estrada com os dois gigantescos peixes na
carroça. Os peixes inflam e desinflam. Carroça pelos campos.
Mais além Turunxas armado com lanças param as pessoas para
revista).

Êpa, lá vem besteira!

HEROI

Daqui por diante é com você.

(HEROI passa a rédea para RUDENCIO. O chefe Turunxa se
adianta e grita de longe)

TURUNXA

Uuuuaaaaaa!

RUDENCIO

Desaforo. Te segura aí que eu vou meter a carroça em cima
dele.

HEROI

Calma. (HEROI segura a rédea e param).

TURUNXA

Vêm de onde?

HEROI

Pescaria.

TURUNXA

Pescaria. (o turunxa do lado anota) Vão pra onde?

HEROI

Pra casa.

TURUNXA

Pra casa. (Turunxa força tanto que quebra o lápis. Pega
outro) Mostrem os discos.

RUDENCIO

Êhh! Será que ele tem que repetir tudo o que a gente diz?
(RUDENCIO fala e olha para o TURUNXA. HEROI faz sinal para se acalmar.)

TURUNXA

Mostrem os discos.

(Retiram os discos de bolsas que se penduram no pescoço. A de HEROI o TURUNXA entrega logo de volta. Como RUDENCIO demorou muito o TURUNXA começa a observar mais calmamente o disco).

RUDENCIO

Algum erro aí?

TURUNXA

Não. Mas o senhor já pode trocar pelo disco roxo. Convém tratar logo disso.

(devolve o disco com um sorriso de amigo. Olha para os comandados e se aproxima de RUDENCIO)

Eu queria merecer uma palavrinha com o senhor, mas não aqui.

Posso subir na carroça?

RUDENCIO

Não tem lugar.

TURUNXA

Atrás com a carga.

RUDENCIO

Só pedindo a meu irmão. Ele é quem manda.

(HEROI faz sinal positivo. O TURUNXA sobe, esconde a lança e senta na barriga do peixe. Ao passar pelos turunxas o TURUNXA grita)

TURUNXA

Estou indo em diligência. Volto logo. Olho vivo. Muito rigor.

(os soldados fazem continência. Voltando-se para o RUDENCIO que nem olha)

Sabe o que é senhor, estou pedindo que para que o senhor interceda de modo que eu seja promovido a turunxaca. Sabe como é. Tenho família, já fui preterido por falta de uma pessoa que se interessasse pelo caso. Uma palavrinha do senhor com seu sogro pesa muito, sô RUDENCIO, principalmente agora que ele está com as ordens.

RUDENCIO

Ordens? Que ordens?

TURUNXA

Ora! Então o senhor não sabe que ele é o novo Umahla!

RUDENCIO

Como é isso?

TURUNXA

Ele é o novo Umahla desde mais ou menos meio dia.

HEROI

E o outro?

TURUNXA

Evaporado.

RUDENCIO

Não brinque, homem.

TURUNXA

Evaporado. Todo mundo já sabe. Por isso é que mantemos a vigilância nos pontos estratégicos até a situação esfriar. Agora é melhor eu descer aqui. A situação ainda é confusa. Posso contar com o senhor? Sou o Turunxa Eudóxio, da Brigada Curiango, às suas ordens.

(a carroça para, TURUNXA desce faz uma continência com a lança e volta correndo / a carroça segue).

RUDENCIO

Você acredita nisso?

HEROI

Sei não. Há qualquer coisa no ar. E ele não ia se expor
espalhando boatos.

RUDENCIO

Se for verdade muda tudo.

(A carroça se aproxima do centro. Bateção de bumbos,
bandeiras desfraldadas, gente cantando hinos, espocos de
fogos, tentaram deter a carroça, RUDENCIO chicoteia e manda
embora, pessoas em discursos vivazes, variados e histéricos,
decompondo o Umahla evaporado / elogiando o Umahla
evaporado. Bustos quebrados a marretada)

Vamos escapular daqui.

(numa rua bifurcada eles se separam).

HEROI

Que pescaria, hein Rudêncio.

(se cumprimentam e cada um vai para um lado, correndo).

CENA 10

INT. CASA DO HEROI

(HEROI chegando em casa. ZULTA o recebe)

ZULTA

Mamãe está muito mal.

(HEROI entra no quarto e MÃE está mal. Um pequeno sorriso ao
ver HEROI)

MÃE

Enfim você veio. Que bom. (HEROI toma da mão de MÃE)

ZULTA

É muito teimosa. Levou dois potes para carimbar. Fiz tudo
para impedir. Ela não me ouviu.

HEROI

Deu algum remédio a ela?

ZULTA

Ela não quer. Diz que não adianta. Ela disse que chega de remédios... quer deixar a Natureza agir...

MÃE

Não adianta mesmo. Chegou a hora. Eu só estava esperando você. Felizmente você veio em tempo. Lembra da promessa. Olhe para mim. Quero ver seu rosto. Nada de me evaporar...

Não quero ser evaporada...

(HEROI olha para ela. MÃE não parece satisfeita)

Segura o candeeiro para ver direito.

(HEROI o faz. HEROI segura na mão dela)

É isso mesmo. Meu bom menino. Agora posso ir sossegada.

(Mãe olha para a janela)

Estou vendo seu pai. Ele está em seu balão...

(os irmão se olham. Corte para rosto de MÃE. Corte para rosto de HEROI. Corte para rosto de ZULTA. Corte para mãos seguras de MÃE e HEROI. Corte para rosto de MÃE, que não mudou. Corte para mãos seguras. HEROI solta e mão de MÃE cai. ZULTA se aproxima assustada e toca o rosto de MÃE)

ZULTA

Acabou. E agora?

HEROI

A promessa?

ZULTA

É. Como vai ser?

HEROI

Vai ser arriscado. Você sabe que é arriscado!

ZULTA

A gente fala com Rudêncio. Ele sabe que mamãe não quer ser evaporada.

HEROI

Agora a cosia piorou. O sogro dele é o novo Umahla. Ele não vai querer se arriscar com coisas fora da lei. Temos que agir sozinhos.

(ZULTA cobre a mãe / envolvem-na a em um tapete muito colorido / botam o tapete num vaso ou pote gigante / e a levam para o lago).

ZULTA

Tenho uma idéia. Usamos o balão de Rudêncio.

(HEROI olha e aprova. Tomando goles de canilha eles depositam a mãe na cesta do balão e numa cena ritualística simples o balão sobe e se perde no céu.)

HEROI

Vai. Fica com o pai.

ZULTA

Vai fica com o pai. Encontra as naves celestes.

HEROI

Vai... fica com o pai... encontra o teu namorado lindo... (emborcam a canilha. Cena desvanece e reabre no rosto cara de pau da CONSULESA. Ela está de volta, carregando umas bolsas / observa o balão que se perde no céu)

CENA 11

EXT. CASA DO HEROI. DIA

(HEROI olha e nem dá trela. CONSULESA se senta, sem jeito. HEROI trabalha em um estilingue. CONSULESA levanta as pernas e esfrega um pé no outro. HEROI olha e desvia o olhar.)

CONSULESA

Como vai tudo por aqui... agora que o sogro do seu irmão é o Umahla?

HEROI

Pra mim... não mudou nada. Por onde você... (pausa) por onde a senhora andou 'timamente?

CONSULESA

Rolando por aí (levanta o corpo e esfrega os pés).

HEROI

Pegou mais alguma revelação importante?

CONSULESA

Revelação? Ah, aquilo de ver as coisas? Não. Suspendi os trabalhos. Preciso aperfeiçoar o método. (HEROI balança a cabeça com ar entendido, como quem diz: To sabendo)

Trouxe uns presentes para sua mãe.

(HEROI fica um pouco preocupado, sem tirar os olhos do estilingue)

HEROI

(procura com a pausa uma desculpa)

Mamãe foi colher umas ervas por encomenda e só volta os'tor dia. Mas ela não estava nada bem, quando se levantou.

CONSULESA

E você deixou tua mãe ir mesmo assim ?

HEROI

E ela atende conselhos? Teimosa como um Arugua.

CONSULESA

Então... é parecida com o Cônsul.

HEROI

E ele, quando volta?

CONSULESA

E eu sei? Homem de mistérios aquele.

(olha para ele, levanta os pés a meio corpo / esfrega-os e logo retira os presentes. Objetos estranhos, pedras, sinos de vento /coisas similares. HEROI se aproxima para ver.)

HEROI

'brigado.

(os pega e já pendura os sinos de vento. Olha para

CONSULESA)

Quer um vinho?

CONSULESA

Vinho? Não tem coisa mais forte, meu seu?

HEROI

Tem... tem uma canilha da braba...

CONSULESA

Manda ver...

HEROI

Coisa que só homem pode beber...

(HEROI pega uma cuia e lhe dá canilha, pegando para si também. Ela sorri. A CONSULESA prende a cuia entre as pernas e pega um canudinho para beber e joga na cuia um pó escuro, misturando com o canudo)

CONSULESA

É para amaciar. Experimente. Basta uma pitada.

HEROI

... mas o que é isso?

CONSULESA

Cinza de semente de jatobá.

HEROI

Serve para que?

CONSULESA

Você não sabe? Tu vai ver... O que é que você faz o dia inteiro aqui neste território? Pode tomar que não mata. Pelo contrário. (HEROI hesita) Não era bebida só para homem, seu meu?

(HEROI, melindrado, finge coragem e pede mais pó e ela deposita.)

Vamos juntos.

(bebem cada um a sua cuia, juntos. HEROI faz cara de quem nada aconteceu)

HEROI

Outra.

CONSULESA

Uma é suficiente.

(Sentaram-se juntos ouvindo as músicas dos sinos. HEROI olha os pés de CONSULESA. Deita a cabeça no colo dela / Virado para os pés / sons e imagens lentamente se distorcem / leves alterações das imagens)

(delírio)

(HEROI se levanta / anda e toma de um mel que sai dos sinos / ele retira o mel enfiando os dedos nos sinos / CONSULESA / repuxa os vestidos / HEROI tenta falar. CONSULESA faz sinal para fazer silêncio. HEROI toma a CONSULESA no colo e roda com ela. Riem. HEROI lambuza a CONSULESA COM MEL. As cores deles mudam periodicamente / brilham em cores variadas. Rolam na lama do lago. Se cobrem de argila colorida / constroem pratos de barro que jogam emborcados no chão / quem estoura mais fundos de pratos recebe uma parte do barro do outro / Ficam grudados / abraçados / e se lambuzam naquilo tudo. Caem no lago. Muito respingo e brilho e luzes)

HEROI

Ainda bem que já não estou mais na fase de pensar que já sei de tudo.

(CONSULESA beija HEROI e ficam abraçados no beijo e no lago).

CENA 12

EXT. ENTRADA DA ÁREA DA CASA DO HEROI. DIA

(RUDENCIO - pulseira larga no braço, cabelo todo encaracolado, à cavalo, trote, um cacho de banana de cada

lado, se acerca da casa de HEROI, não sai do cavalo que não
para quieto)

RUDENCIO

Preciso falar com você!

HEROI

Apeia.

RUDENCIO

Não posso (ares de importância) Muita pressa! Coisas do
governo.

HEROI

Então fala daí. Subir no cavalo é que eu não vou, não é? Que
quer, então?

RUDENCIO

Quero que você entre prum grupo que estou encarregado de
formar. Uma espécie de brigada, só com gente escolhida a
dedo, de confiança. Coisa de política.

HEROI

Por que é que você está com o cabelo assim, agora.

RUDENCIO

É moda lá no palácio... A elite anda assim... Mas, olha...
Já está tudo esquematizado, só falta preencher os quadros.

Coisa avançada, de ponta mesmo. Só para você ter uma
ideia... superficial... O grupo tem por base a QUADRA que
pode crescer à vontade, de acordo com as necessidades. Cada
QUADRA é comandada por um Uxala. Quatro QUADRAS formam um
QUADRANTE comandado por um Quaxala. Quatro quadrantes
formam um OITÃO comandado por um Torquatro, tá me
entendendo? Tem muita ciência nisso... Quatro Oitãos formam
um TRINXANTE comandado por um Trinxala, e assim por diante.

Não é bem bolado?

(HEROI faz cara de quem concorda, sem se lixar muito pra coisa, entediado).

HEROI

Qual a finalidade do grupo?

RUDENCIO

(sinistro, baixa voz / olha para os lados)

Por enquanto é sigilo.

(Tom normal)

... mas você deve entrar logo pois logo logo não haverá mais vaga e eu estou pensando em você para Uxala. (sorri aliado)... Comandante de quadra. Se mostrasse empenho ia sendo promovido e com o tempo poderia chegar até Trinxala, quem sabe.

HEROI

E... posso, pelo menos, saber o que é que eu vou fazer?

RUDENCIO

Vai comandar uma QUADRA, ora essa.

HEROI

Sim, mas o grupo todo, qual vai ser a função dele?

RUDENCIO

Coisa muito importante, vá por mim.

HEROI

Ta... ta... muito obrigado, mas eu não tenho nenhuma inclinação para ser turunxa.

RUDENCIO

Não tem nada a ver com turunxa. Nem vamos usar uniforme, carregar lanças, essas coisas. É coisa se secreta... é coisa de controle...

HEROI

Não dá. Não sirvo. (se afastando do cavalo). Não me dou muito bem com esse negócio de mandar e...

RUDENCIO

... Não vou tomar isso como sua última palavra. Aconselho você a pensar bem. Mesmo por que se não entrar por bem, vai ter que entrar compulsoriamente. Seu nome já está na lista.

HEROI

Lista? Que lista?

RUDENCIO

A lista que me encarregaram de organizar. É serviço compulsório. Ninguém pode recusar. Este convite que estou te fazendo é uma deferência.

HEROI

(HEROI entende como brincadeira e começa a rir)

Ta...ora rapaz... tá bem... eu pensei que você falava sério... legal... tô dentro... só entro se você me der o comando geral da brigada.

RUDENCIO

Você não pode... a realidade é outra e você sempre esteve à margem das pressões da conjuntura.... você está brincando?

HEROI

tô... Não é brincadeira?

RUDENCIO

Claro que não, seu jumento...

HEROI

Eu estava brincando...

RUDENCIO

Vê essas bananas, por exemplo, são as últimas da região...

HEROI

Eu só estava querendo...

RUDENCIO

Não há mais... elas estão desaparecendo... não há mais bananas... mas eu acredito que você daria um bom comandante de quadra.

HEROI

Nem isso. Agora falando sério... Você prestaria um bom serviço ao grupo se riscasse meu nome.

RUDENCIO

Nem pensar. Temos também uma função educativa. (heróico) Dias difíceis vêm aí. Houve uma grande transformação na cúpula (estufa o peito) e é percebemos o povo anda apático, indiferente. O passado passou, não volta. (texto decorado) O povo estava fora de seu caminho. Nadar no lago, tomar canilha, dançar de noite em volta das fogueiras, alisar os pés das moças é tudo muito bom, mas não faz a grandeza do território. (ante o olhar apatetado do HEROI)

Temos um novo guia.

(HEROI aperta os olhos, observando o irmão. Corte para o bracelete, os cabelos, as bananas, rosto de RUDENCIO)

Posso contar com você, por bem?

HEROI

Prefiro ficar de fora.

RUDENCIO

Essa decisão vai custar caro.

(surgem dois rapazes carregando um animal ainda ferido).

1:

Epa, vizin'! 'Muvai, Rudêncio.

(RUDENCIO volta a cara para o outro lado, arrogante)

HEROI

Bela caçada.

2:

Contamos com você para o assado de logo mais.

HEROI

Eu vou mesmo (os rapazes se distanciam. RUDENCIO retorna a cara)

RUDENCIO

(meio sinistro / sibilando)

Esses aí não perdem por esperar.
(sai a trote. HEROI olha para os rapazes que se afastam
divertidos. RUDENCIO passa a trote por eles. Poeira /
Desvanece)

CENA 13

EXT. CASA DO HEROI. VARANDA. TARDE
(garotos aparecem na casa de HEROI com alguns artefatos.

HEROI recolhe alguns)

HEROI

É que não estamos pegando mais isso. Podem ficar. (ficam
alegres)

1:

Ó! Nós sabemos de um lugar que se pode pegar muita caira
quase sem leite. Se quiser a gente te leva lá.

HEROI

Opa! Cairas grande e quase sem leite...é outra conversa.

(HEROI para oi que fazia / toma do cesto)

vamos então!

(Corte para o mato e brejo, por onde eles caminham)

2:

O senhor fica sentado aí. Me dá o cesto que a gente volta
com ele cheio. Não vaio demorar.

(HEROI espera, bate nuns borrachudos, pega um cigarro e vai
assistindo. Alternar imagens com os garotos pegando bambu,
indo à beira do brejo e dando lambadas aqui e ali pegando
uns negócios do chão e botando no saco. HEROI de vez em
quando ri. Sempre se ouve uns gemidinhos de criança
fraquinha. Quando os garotos chegam com as cairas HEROI
pergunta)

HEROI

Que chorim é esse, seus meninos?

1:

É anssim mesmo. Chorim de caira. Da primeira vez a gente fica com pena.

2:

Meu pai diz que elas fazem isso de propósito, pra comover a gente. Liga não. É malandragem delas.

1:

Elas deviam agradecer quem as pega, isso sim. Que alegria pode ter um bicho que veve nos brejos.

HEROI

É. Bobagem minha. Vamos embora que está ficando tarde.

2:

Vam'pegá as coisas.

HEROI

Eu me arrumo por aqui.

(barulho de passos mais além. HEROI olha. De repente um turunxa. Ele olhou o que carregávamos, espalhado pelo chão / mas não vê que os garotos se escondem)

TURUNXA

Fazendo o que?

HEROI

Pegando caira.

TURUNXA

Caira é? 'Xeu ver. (HEROI abre o cesto e o TURUNXA se assusta)

Isso é caira? Cor-di-rosa?

HEROI

As daqui são assim. (TURUNXA olha de novo)

TURUNXA

Levante uma pra eu ver melhor.

(quando HEROI enfia a mão para pegar, ela geme)

Epa! Que foi isso?

HEROI

Chiou.

TURUNXA

Chiou não. Gemeu!

HEROI

O chiado dela é um gemido.

TURUNXA

Pegue outra.

(HEROI mexe no saco e ela geme outra vez e o TURUNXA olha com cara de autoridade competente. TURUNXA empurra os sacos com o pé)

E aí dentro? Caira também?

HEROI

Também.

TURUNXA

Pegou tudo sozinho?

(dúvida de HEROI)

É melhor não dizer nada. Quanto mais falar mais enalacrado fica.

HEROI

Por que vou me enalacrar?

TURUNXA

Tão inocente! (debochando / imitando) O que eu fiz para me enalacrar?

HEROI

Pegar caira não é proibido.

(TURUNXA fica meio em dúvida. HEROI se prepara para ir embora, pega os sacos).

TURUNXA

Pera aí. Está resolvido não. Você sabe de cor tudo o que é proibido?

HEROI

Isso não. Ninguém sabe.

TURUNXA

Está vendo? Pegar caira pode não ser proibido, mas só caira comum. Essas aí são diferentes. Cor-di-Rosa. Tem que ser proibido.

HEROI

E se não for?

Turunxa

Se não for, mais tarde a gente vê. É muita sopa um paisano sozinho encher um cesto grande e vários embornais de cairas cor-de-rosa sem estar desrespeitando alguma lei.

HEROI

O senhor é quem manda. O que é que eu faço com elas.

TURUNXA

Jogue no brejo, ora.

HEROI

Já devem estar mortas.

TURUNXA

Então enterre, pra não ficarem fedendo por aí.

(Fecha em HEROI balançando a cabeça. Desvanece).

CENA 14

EXT. TARDE. VARANDA CASA DO HEROI

(três homens se aproximam - A, B, C - " autoridades". HEROI se levanta para recebê-los. Ele e os amigos - os garotos OBELARDOS, a CONSULESA, ZULTA - estão tomando um lanche pela manhã. Os homens tocam berrante para chamar a todos).

A:

Atenção todos. Em forma na beira da estrada

(lentamente, ninguém entende, vão para a estrada)
Mais rápido, por favor... mais disposição... em forma.

B:

O motivo da convocação é que vocês abrirão um buraco circular na dimensão já marcada com a estacas (todos olham espantados).

HEROI

Que é isso. Quem é que quer abrir algum buraco por aqui?

ZULTA

O sol logo logo tá forte...

EDUALDO

Nem contem comigo pois eu vou trabalhar em outro sítio e já estou apalavrado.

(sorriso de mofa na cara de A e B e C)

HEROI

Não contem comigo também...vou visitar meu irmão... o assunto é importante.

C:

(auxiliares estaqueiam e demarcam o chão)

Não vimos aqui perguntar se podem ou não. Esse buraco tem que ser aberto hoje. Antes do pôr-do-sol ele tem que estar furado e desentulhado. É ordem de cima, entenderam? As ferramentas estão naquela carroça. Quando eu der o apito todo mundo corre e pega as ferramentas. Quando eu der dois apitos quero ver todo mundo cavando.

(momento de apreensão. Um olha para o outro. Há medos e certos desesperos. Um apito. Correria. Um pouco de confusão no pegar das ferramentas. Todo mundo se agrupa. Dois apitos e começam a cavar. Os A,B,C, palpitam. HEROI vê que seu chão é muito duro. Tenta mudar e um dos A,B,C dá uma chicotada no chão. Tomada de suor de cada um. Mãos em picaretas. Mãos na testa. Cansaço. Olhares sem entendimento. A se aproxima de

HEROI. Observa)

A:

Por que é você está atrasado?

HEROI

Aqui o chão é mais duro. A picareta até gruda no chão.

A:

Duro, é? Pois vai ficar mole num instante. Vou fumar um cigarro na sombra daquela árvore. Se quando eu voltar você não tiver igualado com os outros, vai levar umas lambadas

disso aqui

(e esfrega o chicote no nariz de HEROI. Imagens de um sol que se põe. "A" volta. Olha e vê que o buraco está pronto. Dá um sorrisinho. Se afasta, mesmo assim dá uma lambada no braço de HEROI, que olha para ele. Olho no olho. "A" dá três apitos.)

B:

Anota aí. Um metro e oitenta.

C:

Vamos lá. As ferramentas na carroça. Rápido... rápido... (todos cansados. Os A,B,C começam a cantar algo marcial e sobem e partem aos olhos de todos. Desvanece).

CENA 15

EXT. ENTRADA DA CASA DO HEROI

(RUDENCIO chega a cavalo. Salta lampeiro. Os cabelos estão encaracolados e loiros / O cavalo está alinhado, com roupa de cavalo medieval)

RUDENCIO

(rebenque na perna)

Oi família. Tudo bem por aí?

(HEROI está com o braço numa tipoia).

Ganhei um bicho do Umahla meu sogro, que é uma graça. Uma mistura de quadrúpede com bípede, - não sei explicar... não tem rabo e tem pouco pelo, parece gente, mexe em tudo... mas não é macaco. Nem sei o que é, pra dizer a verdade. Não fala mas escuta, e às vezes parece ter cara de gente. É o ai-jesus do palácio. Vocês precisam ver...

HEROI

Como se chama essa raça de bicho?

RUDENCIO

(fala mas não dá muita atenção. Olha em volta, displicente)
Nem sei. Foi um embaixador que trouxe lá das lonjuras das terras do Norte. Alguém disse que é uma montagem de vários bichos construído por cientistas numa fazenda experimental.

HEROI

E isso é coisa legal? Tem serventia?

RUDENCIO

Nem sei. Mas, também, não é coisa que me interessa... e (bate na tipoia com o rebenque, sem perceber que é tipoia) também não interessa ao irmão.

HEROI

Só estamos conversando.

RUDENCIO

Ah! É verdade.

HEROI

E foi você quem começou essa conversa.

RUDENCIO

Ah! É verdade. Ah! Lembrei. O nome do bicho é Uiua. Precisa ver que gracinha, meirmão. Quando tem reunião com os Caincaras, se a reunião é muito demorada muito, o Uiua dorme com a cabecinha no peito do Umahla - meu sogro - e todos os Caincaras passam a falar mais baixo para não acordá-lo.

HEROI

(a paciência de HEROI está sob controle)

E isso é uma coisa importante, parece.

RUDENCIO

O que sei é que esse Uiua está sendo preparado para uma missão muito importante. Realmente esses cientistas...

HEROI

... Cada hora você vem com uma novidade e nem percebe as coisas que rolam em volta. (dessa vez RUDENCIO presta atenção em HEROI mas a história do Uiua parece não deixar cair a ficha)

RUDENCIO

Eu fico impressionado com a inteligência do Uiua, ele tem até professor para aprender a ler. Várias línguas...

HEROI

Onde foi encontrado esse bicho?

RUDENCIO

Nas fazendas experimentais do Nordeste do território. Já disse.

HEROI

Não! não disse. Olha, eu não faço questão de passar por crédulo; até certo ponto, pelo que estou vendo, a única função desse Uiua é a de ser espião e não mais.

RUDENCIO

Você ainda vai ouvir falar dele. Todo o território vai ouvir falar dele. É coisa muito moderna...

(RUDENCIO sobe no cavalo).

HEROI

... desculpa perguntar mas, vamos ouvir falar bem ou mal?

RUDENCIO

Engraçadinho. Vai depender do lado em que a pessoa estiver.

(dá um giro dramático com o cavalo)

De que lado você está?

(RUDENCIO olha HEROI enquanto gira. HEROI pensa em não se expor).

HEROI

(pausa)

Como vão seus filhos? Como vai o menor que estava com coqueluche, meu afilhadinho?

RUDENCIO

Vai bem. Todos bem. Você já se decidiu sobre a brigada? Estou guardando sua vaga, mas não por muito tempo. Daqui a alguns dias vamos começar os treinamentos.

HEROI

Sei não. Não dou pra isso.

RUDENCIO

(RUDENCIO desce do cavalo, afoito)

Não dá para o que? Você nem sabe o que é.

HEROI

(a discussão é exaltada)

Você ainda não disse o que é!

RUDENCIO

Só posso dizer depois que você assinar o compromisso. Por enquanto você é um estranho e o regulamento me proíbe revelar nosso objetivo a estranhos.

HEROI

Suponhamos que eu entre e depois me arrependa? Posso sair?

RUDENCIO

Isso nunca. Entrou, fica.

HEROI

Então, prefiro continuar de fora.

RUDENCIO

Prefere a irresponsabilidade.

HEROI

Prefiro continuar pescando, reunindo artefatos para os Armazéns Proibidos, tomando banho no lago e pegando cairas...

RUDENCIO

... Bebendo canilha com semente de jatobá. Abra o olho, irmão. Você tem visto a Consulesa? Aconselho a se afastar dela.

(HEROI fica sem fala, RUDENCIO sobe no cavalo novamente)
Vou andando. Preciso levar o Uiuá para distrair um pouco.
(trota)

CENA 16

EXTERNA. RUA. CIDADE. DIA

(HEROI se dirige à casa da CONSULESA mas topa com Tales e alunos na escadaria)

TALES

A natureza - a physis - é a fonte de meus pensamentos a partir da água, ar, fogo e terra.

(O HEROI para para escutar)

... eu atribuo à água o princípio de todas as coisas, ou seja, acredito que todo o universo se originou a partir dela. Tudo no universo é úmido, e isso indica que foi gerado pela água.

(dois outros alunos discutem ao lado do HEROI / ao fundo Tales e alunos)

ALUNO 2

Ele ensina qualquer coisa. Sabe de tudo o homem.

ALUNO 3

Também... a geometria que ele trouxe depois de estudar retas e ângulos e medidas com os egípcios é coisa de louco.

Tem pra ninguém.

ALUNOS 2

Dizem que ele mediu a altura das pirâmides... Será verdade?

HEROI

E pirâmide existe? Eu nunca vi uma pirâmide. Via umas ruínas que os Turunxas proibiram de visitar... Que tamanho é?

(aponta para medida na altura do joelho)

ALUNO 2

(sem dar muita trela)

E, ainda por cima, fez aquela coisa estranha que chama de relógio solar... a colheita de azeitonas, agora é até previsível.

ALUNO 3

Tales estuda o tempo e prevê as melhores colheitas... de onde ele é mesmo?

ALUNO 2

Mileto...

HEROI

O que é que pode vir de bom de Mileto...? Azeitonas?

ALUNO 3

Por isso que ele se dá bem nas colheitas. O cara saca da coisa! Ta ficando rico com isso.

ALUNO 2

Sinistro é quando Tales fala sobre a alma... ele diz que a alma é cinética, que a alma se move, meu... e que está cheia de deuses dentro da alma... será?

ALUNO 3

Dizem que o Uiua tem alma... será?

Tales acredita que a alma se move. Chutou longe essa, hein? (preocupado, toca o corpo para verificar se ainda tem alma)

HEROI

Caramba! E, se ela sai daqui agora?

CORTE

(Tales e alunos, na escadaria)

TALES

É claro que a Terra é plana! Isso é óbvio. A Terra bóia sobre uma imensidão de...

(instigando os alunos)

ALUNOS

(todos)

Água!!!

TALES

Exato... o ano, por sua vez, tem 365 dias.

ALUNO 4

E, a gente ganha dinheiro com isso?

TALES

(sem dar atenção em demasiado. Só olha)

A Terra boia num mar de água e, podem estar certos, para a água um dia há de retornar.

ALUNO 1

Mas tem coisa dura e tem coisa mole na Terra. Como é que se explica isso?

TALES

É que os diferentes aspectos são resultados das diferentes concentrações, e, digo mais, o fogo e a terra são os outros elementos da natureza.

ALUNO 4

E, a gente ganha dinheiro com isso?

TALES

Tudo se mistura e quem mistura é a água. Pode crer! O grande solvente universal.

Prestem atenção! A questão primordial não é o que sabemos, mas como sabemos.

ALUNO 4

E, a gente ganha dinheiro com isso?

ALUNO 1

Mas, isso tudo é muito novo! como é possível algo mudar, e deixar de ser o que era? Os deuses...

TALES

Que deuses que nada... Vamos explicar racionalmente o universo, sem recorrer a entidades sobrenaturais. (nervoso e aos berros) Já viu algum deus na sua frente?

ALUNO 1

Eu já vi o Uiua... na janela do palácio...

TALES

(berrando)

Nem esse Uiua existe... É tudo invenção...
(HEROI corre dali assustado com a dispersão dos alunos e se aproxima de uma casa e usa a aldrava / VIZINHA surge)

VIZINHA

Com quem o senhor quer falar?

HEROI

Com a Consulesa.

VIZINHA

É mais fácil achar o Corregedor-Mor .

HEROI

Não quero falar com o Corregedor-mor... Quero falar com a Consulesa

(e continua batendo na porta)

VIZINHA

O senhor é parente?

HEROI

Não. Amigo.

VIZINHA

(com entonação maldosa)

Ah!

(HEROI percebe e sai para a ladeira. Surge o RAPAZ COM
CICATRIZ, festeiro).

HEROI

`Tarde.

RC:

`Tarde.

HEROI

Você é amigo de Ozilda, não é?

RC

Ozilda?

HEROI

A Consulesa.

RC:

Ah! O vulcãozinho? Me dou com ela sim. E daí?

HEROI

Sabe dela?

RC:

Por que devia saber? Deve estar em erupção por aí.

(HEROI sai, cabisbaixo)

CORTE

(HEROI chega em casa. No Terreiro ZULTA faz bandeirinha como
de festa junina, pendurando nas árvores)

ZULTA

Foi bom você chegar. Me ajude aqui que estou atrasada.

HEROI

Atrasada em que? (observando tudo).

ZULTA

Nesses enfeites para a festa.

HEROI

Vai ter festa aqui?

ZULTA

Aqui não, bobo. Nos Obelardos. Fiz as pazes com Edualdo. Estou tão feliz! Ah! A sua amiguinha está fazendo cocadas.

HEROI

Eu não posso ajudar agora. Vou até a casa dos Obelardos. (HEROI atravessa o quintal, cruza a cerca e entra no jardim. CONSULESA está cercada de rapazes e contando histórias que todos riem e esfregando os pés. CONSULESA faz um pequeno sinal para que HEROI se aproxime. HEROI devolve o sinal, mas dá as costas e retorna. Na passagem da varanda encontra o VELHO OBELARDO na rede. Puxa um cepo e se senta ao lado dele. Ficam um tempo olhando o nada. VELHO OBELARDO costura uma roupa, uns sacos velhos e sujos / conversa entremeada de pausas / VELHO OBELARDO fala muito arrastado).

VELHO OBELARDO

Tu sempre visita o palácio?

HEROI

Não. Só fui lá uma vez. Faz muito tempo. Era pequeno.

VELHO OBELARDO

Nem depois que teu irmão é da família do Umahala?

HEROI

Nem.

VELHO OBELARDO

Eu tinha muita vontade de ir.

HEROI

O senhor, seu Obelardo?

VELHO OBELARDO

Pois tinha. Sabe pra que? Pra ver esse bicho que não é gente nem macaco de que tanto falam.

HEROI

O tal do Uiua.

VELHO OBELARDO

Uiua, é? Que nome engraçado. Uiua. É nome de batismo ou de
raça?

HEROI

Sabe que não sei?

VELHO OBELARDO

Tu já viu o bicho?

HEROI

Nunca. Já não disse que não vou ao palácio?

VELHO OBELARDO

É bobagem minha. Mas dizem que teu irmão leva ele para
distrair as crianças em casa.

HEROI

Leva sim. Mas eu não tenho ido à casa de meu irmão.

VELHO OBELARDO

Ossh! Mas os dois brigaram?

HEROI

Não.

VELHO OBELARDO

E não vai na casa dele?

HEROI

É falta de tempo. De oportunidade.

VELHO OBELARDO

É pena.

(VELHO OBELARDO pensa e se balança na rede)

Quando é que tu pretende visitar o irmão?

HEROI

Qualquer dia. É só eu ter uma folguinha.

VELHO OBELARDO

Vai mesmo? Posso ir com ti? Sabe o que é? Eu queria tanto
ver esse Iurua.

HEROI

Uuia.

VELHO OBELARDO

É. Esse U-i-u-a. Isso. Prometo não envergonhar.

HEROI

Está combinado, Velho Obelardo. Quando eu for, chamo o senhor. Vamos juntos.

VELHO OBELARDO

Posso contar? Vou ficar esperando. Queres um gole de canilha?

(enquanto HEROI bebe)

Dizem que o tal bicho já está falando. Será verdade?

HEROI

Eu não sabia.

VELHO OBELARDO

Me garantiram que fala. Como pode um bicho desses falar?

Preciso ver esse tal...

HEROI

O senhor vai ver...

(entra a CONSULESA e se junta lado a lado a HEROI. Olha muito pra ele. Da maneira apaixonada e sem tirar os olhos, tanto que deixam HEROI sem jeito)

VELHO OBELARDO

Sei não. Acho muita coragem do Umahla dar intimidade a um bicho exótico. Ele pode estar brincando com fogo.

HEROI

Pra quem o senhor costura?

VELHO OBELARDO

Pra ninguém em especial. Estou fazendo pra não ficar à toa.

Homem à toa é homem burro.

CONSULESA

Ah! Então eu quero. Será que dá em mim?

VELHO OBELARDO

(rindo) É teu! Só faltam uns pontinhos e aí a gente
experimenta.

CONSULESA

Não é um amor esse velhinho? Qualquer dia nós vamos sair por
aí para fazer umas coisas. O senhor topa?

VELHO OBELARDO

Crie juízo, menina. (CONSULESA pisca para HEROI e toma das
mãos)

CONSULESA

Vamos dar uma voltas?

CORTE

(passeio pelas estradas florestais)

HEROI

Você sabe que é vigiada?

CONSULESA

Sempre soube. Desde que chegamos aqui.

HEROI

Agora é sério.

CONSULESA

E o que é que eu vou fazer? Não vou viver escondida.

HEROI

Você devia ter mais cautela.

CONSULESA

Eles não podem me fazer mal. Já armei a cama deles. É uma
questão de tempo eles caírem nela.

HEROI

Rudêncio disse para que eu me afaste de você.

CONSULESA

Acalme-se que vai dar tudo certo. E não me pergunte o que é.

Não posso dizer. É uma questão de tempo. E tem um segredo
aí.

HEROI

Sempre tem.

CONSULESA

Se quiser eu te mostro. Mas pode ser dolorido.

(Consulesa se levanta e estende a mão. HEROI hesita e toma da mão dela. Correm pela mata se aproximam de um lago / tarde cai em noite enquanto o casal corre/ lago tranquilo. HEROI e CONSULESA percebem que há uma barca de pesca / estão escondido atrás de folhagens / CONSULESA sinaliza para HEROI fazer silencio / ela se afasta / caminha pela prainha do lago e se deita / Marulhar / A CONSULESA e suas mãos preguiçosas tomam um pouco de água / música de flauta e a lua parece descer sobre a CONSULESA / Vemos Pescadores ao longe / Subitamente a moça se ergue / ouve)

VOZ OFF:

(do que se relata vemos fragmentos de imagens correspondentes)

Lá nos confins do mundo, onde se acaba o pavimento dos mares e começam as arcarias do céu, ouvi dizer que está caído há muitos anos um pedaço de abóbada celeste, e por ali entram as almas das criancinhas mortas, ao colo de seus anjos da guarda.

(A CONSULESA, no afã de procurar anda pela prainha / de longe o HEROI observa meio arrependido / Em segundo plano vultos se escondem na escuridão sob a lua, furtivos.)

CORTE

(sucessivos para Piers, redes, barcos, água, a lua / A moça vai a uma clareira. Em caminho paralelo na mata o HEROI a segue de longe / Na clareira a CONSULESA vê uma mesa com frutas - uvas, geleias, caldas, coisas que lambuzem - espalhadas. Ela anda em torno da mesa, sonhadora, deita-se sobre as frutas, deita com a barriga para cima, abre as

pernas e trás o vestido para cobrir entre as coxas. HEROI
 espreita sempre - tomada de quem vê - entre as árvores
 enquanto a garota se revira sobre a mesa / até se cansar do
 bailado frutal / ela desmaia / HEROI é tomado de sopno
 intenso e cai caindo entre as árvores)

FUSÃO

(Manhã. A moça está sobre a mesa. Acorda subitamente, pondo
 a mão no rosto. Vê-se que ela tem asas bem fornida de penas.
 Ela nota que alguém se afasta. Temos a impressão que é o
 HEROI. A CONSULESA olha para três pontos, sempre tendo a
 noção de que algo estranho aconteceu num misto de
 curiosidade e assombro. Todas as tomadas são de distancia.
 Em todas as circunstancias, as tomadas do rosto da moça são
 em movimento, girando ao redor dela, enquanto ela olha para
 a lateral: Ponto a) Algumas mulheres nas pedras se penteiam.
 Percebem que são vistas e pulam na água. Ponto b) Bando de
 crianças correndo. Todas têm chifres. Ponto c) algumas mãos
 saem da terra, como a escapar de prisão buscando o ar. A
 CONSULESA começa a chorar.

CORTE

Mãos de pescadores puxando redes. Pescadores ouvindo o choro
 aterrador / param, soltam as redes e se dá a entender que
 fugiram daquele lugar

CORTE

Moça desce da mesa. Ouve. Enquanto ela se desloca
 lentamente.

VOZ OFF:

(do que se relata vemos fragmentos de imagens
 correspondentes)

Vem comigo ao meu palácio de estalactites cor de safira,
 onde há babilônias submersas. Guiarei você através dos
 pórticos. Não responda à interpelação muda das esfinges.
 Abandona as asas e vem para o meu amor. Já rompe a manhã e
 as estrelas se apagam.

(Na entrada da floresta, saindo da clareira, ela hesita.
 Obrigatória música de flauta solitária. A CONSULESA corre.
 Foge pela floresta atarantada, mas, pelo outro lado. Entre
 as árvores. Tensão e flautas. Várias flautas. As asas vão se
 destruindo na correria. Corre tanto que sai na praia antiga
 e cai nas águas.

VOZ OFF:

Vem, minha filha!

(U'a mão a agarra por trás e começa a puxar a Consulesa
 para dentro das águas. A moça está aterrorizada e não quer,
 se debate, mas vai levada. Cenas entremeadas de imagens.

Imagens de castelos, orlas, lagos, órgãos de igreja. A
 sonoplastia acompanha os cortes das imagens.)

Filha de sereia, o seu lugar é nos palácios submersos. Você
 foi deixada num cesto que aportou no principado das rosas...
 deixada por seu pai, covarde pescador. Mas você é filha das
 águas. Filha de sereias e nunca será o anjo do Senhor.

(U'a mão se aproxima e ela toma essa mão, se livrando das
 águas. Agarra-se ao corpo que é visto somente por trás. Ela
 está abraçada à ele. Soluçando. Ele a afasta. Toma das mãos
 dela. Dedo contra dedo. Ele se dirige para sua barca negra.)

ELE

Você é muito fria.

CONSULESA

Acabei de sair das águas.

ELE

Não! Não é o frio das águas. É o frio da sua alma.
(Ela olha para trás temendo o retorno da outra personagem.
Vê uma barca negra. Aquele era o Barqueiro - com capuz e
cobertura. Não se vê o rosto. Mantém-se o marulho. Ela se
aproxima)

CONSULESA

Você não partiu!?

BARQUEIRO

Estive com você essa noite. Desfrutei de você. Procuro a
princesa das Rosas.

CONSULESA

Eu sou a primeira mulher dessa Ilha. Cheguei aqui ainda
criança.

BARQUEIRO

Vejo seu brilho nas águas. [Pausa para olhares]. Venho
buscá-la.

CONSULESA

Você vai se arrepender. Sou muita fria. As pessoas fogem ao
meu toque. Você já percebeu isso.

BARQUEIRO

De onde eu venho todos são muito frios.

(Ele dá a mão para ela. Ela sobe no barco e partem. Junto ao
som de flautas o bater de um sino e a lua. Imagens de uma
Igreja sob as águas. / da Mata o HEROI surge correndo e vê
que a CONSULESA se afasta no barco / desaba sentado na areia
/ solitário e sem ação)

CENA 17

EXT. CIDADE. CASA DO COURO. DIA

(PESSOAS perto da Casa do Couro. Reformas. Desmantelamento.
Medem. Chegada de material. HEROI se aproxima de um que ali

trabalha para tomar)

HEROI

O que significa isso? Vão reformar a Casa do Couro outra vez?

(A PESSOA não lhe dá atenção. HEROI fala com outro, O sr. OLDÍVIO da peixaria)

O que é que acontece aqui na Casa do Couro, sr. Oldívio?

OLDIVIO

Casa do Couro? Sei de nada e nem quero saber. Por mim pode derrubar, tocar fogo.

HEROI

Que é isso, Sr. Oldívio! O sr. era tão defensor da Casa, antigamente...

OLDIVIO

E o que adiantou? Não fecharam? Pois agora queimem. Eu nem chego na porta para olhar as chamas.

(e começa a jogar água sobre os peixes)

Está vendo como é esse meu negócio? Qualquer dia desses eu fecho e vou ser Turunxa.

HEROI

Tenha paciência, sr. Oldívio. Está ruim para todos. Isso é fase.

OLDIVIO

É. Fase. Fase permanente. Como vai aquele teu irmão? Muito inchado ainda, o prosa?

HEROI

Vai bem. Mas eu não sabia que ele andava inchado. Tá doente?

OLDIVIO

Não sabia? Então com você ele é diferente. Outro dia estive aqui criticando os meus peixes. Até me ameaçou de multa.

Pedi as credenciais de fiscal, ele desconversou. E quando

saiu, quase não passou na porta, de tão inchado.

HEROI

Não seria brincadeira? Ele é muito brincalhão. Agora usa até uns cabelos enroladinhos e loiros...
(A jogar água nos peixes. HEROI olha para os movimentos na Casa do Couro)

Parece que vão reformar.

OLDIVIO

Não acredito. Se vieram mexer é pra demolir. Isso não tem mais serventia...

HEROI

Eu acho que vão reformar. E se vão reformar é por que pretendem abrir. O senhor não acha?

OLDIVIO

Não acho. Podem reformar para instalar banho turco, por exemplo. Acho vão transformar Casa em um Museu... Parece que é o chique , agora.

HEROI

Para mim é novidade.

OLDIVIO

Todo mundo importante está tomando banho turco ou indo a Museu... E quem não é importante toma banho e vaia Museu também para parecer importante. Seu irmão deve estar nessa. Aliás, ele me pareceu muito branco quando esteve aqui.

HEROI

Branco?

OLDIVIO

É. Deve já ser efeito dos banhos.

HEROI

(sem graça)

Bem... sr. Oldívio. Nem tenho mais o que falar... Vou andando.

(HEROI sai e olha o prédio. De repente topa com tabuletas indicando Banhos Turcos. HEROI chega a uma grande residência encimada com um 'R'. HEROI toca a sineta várias vezes. Surgem Turunxas armados de lanças. Imediatamente cercam HEROI / alvoroço / tensão).

TURUNXA

O que deseja?

HEROI

Falar com Rudêncio.

TURUNXA

O Caincara Rudêncio não pode receber ninguém pois está tomando um banho turco.

HEROI

Quanto tempo eu terei de esperar?

TURUNXA

geralmente, algumas horas.

HEROI

Tanto assim?

TURUNXA

É. Hoje o Caincara deve demorar mais pois está inaugurando a sala e ainda não conhece o cerimonial, que é meio complicado.

(HEROI olha para os jardins da residência)

O senhor volte amanhã. Mas, não de tarde, que é hora do banho.

(pausa)

Algum recado?

HEROI

Fala que o irmão dele...

(desiste e abana a mão /sai)

CENA 18

EXT. TARDE. MATO

(HEROI olha a paisagem. O VELHO OBELARDO chega por trás e põe a mão paternal sobre o ombro)

VELHO OBELARDO

O que tu pensas, rapaz?

HEROI

Esses novos tempos. Todo mundo de cabeça baixa. Ninguém fala coisa com coisa. Ou fala muito ou fala pouco. Tudo pode ser motivo de culpa e uma visita aos Turunxas. O que é que o senhor acha, Velho Obelardo?

VELHO OBELARDO

Sei não, meu filho. Só entendo de pele de vaca. Mas lhe digo uma coisa: as peles que tenho apanhado ultimamente estão fedendo por demais. Será que isso tem alguma coisa a ver?

CENA 19

(EXTERNA. CASA DO HEROI. DIA)

(HEROI em sua casa. Ouve galope de cavalos. RUDENCIO chega com entourage de turunxas e desce do cavalo. Cabelos encaracolados, loiro e muito branco de pele / coberto de peles arminho)

RUDENCIO

Desculpa, irmão. Você compreende. Era meu primeiro banco turco. Eu precisava me concentrar para não meter os pés pelas mãos. Aquele troço tem um ritual rigoroso.

(dá uma olhada geral)

... você já pensou em montar uma casinha de banho aqui? Tem espaço.

HEROI

Olhe bem pra mim. Banho Turco! Me acha com cara disso?

RUDENCIO

O que é que há, rapaz! Deixe o preconceito de lado entre para o clube. Você não sabe o que está perdendo.

HEROI

(vira-se todo atento)

O que é que estou perdendo?

RUDENCIO

A maior invenção do mundo. Só isso. Olhe, aquele trecho, ali debaixo das mangueiras, é um lugar ideal. Se quiser mando o construtor aqui, num instante ele monta uma casinha para você. Não sai caro e ele facilita.

HEROI

Quero não. Tomo banho de graça no lago.

RUDENCIO

Não é a mesma coisa. Sabe, esses poucos banhos que já tomei, mesmo sem ter experiência, me fizeram muito bem. Me sinto outro.

HEROI

Estou vendo. Até parece outro.

RUDENCIO

Dá pra notar? Como é que eu estou?

(HEROI faz cara séria e manda o RUDENCIO dar um giro).

HEROI

Você está parecidíssimo ... com um genro do Umahla.

RUDENCIO

Já vem você com suas piadas. Não reclame quando eu começar a dar as minhas.

HEROI

Vamos falar de coisa importante. E as crianças. Como vai a comadre Joanda e o tal Uiua.

RUDENCIO

Ta tudo bom... ta tudo nos conformes... Se você não quer mesmo instalar uma casa de banho aqui, vá lá na minha sempre que quiser.

HEROI

Com aqueles turunxas que vigiam a estrada?... nem pensar...

RUDENCIO

É preciso cuidar da segurança. Hoje em dia não se pode bobear. Mas eu lhe dou em cartão. (começa a sacar o cartão)

Você mostra e vai entrando.

HEROI

Quero não. Sou distraído. Posso perder o cartão.

RUDENCIO

Então não. Imagine se cai nas mãos de um outro qualquer. O jeito é você fazer a sua casinha de banho aqui mesmo. Cada dia que passa é um dia perdido.

HEROI

Do jeito que você fala parece a oitava maravilha do mundo.

RUDENCIO

E é, rapaz. Quando eu entro no banho eu esqueço do mundo. Se me disserem que os Orobongos ou Aruguas estão invadindo, logo penso ! deixem arrasar tudo", "deixem invadir tudo".

HEROI

Se disserem que o Umahla foi deposto e evaporado você é capaz de pensar...

RUDENCIO

... "e eu com isso?" (cai em si) maneira de dizer, é claro. Só pra você ter uma ideia de como é bom.

HEROI

Então, é como fugir de tudo. Se desligar do mundo. Se embriagar.

RUDENCIO

(que ia concordando)

Não! Pelo contrário! Se fosse isso seria proibido! Você tem
cada idéia!

(RUDENCIO fica meio invocado)

E Zulta, como vai? Você precisa ter cuidado com a palmeira
grande... ta? Preciso ir... o trabalho me espera... (monta
no cavalo) responsabilidades... você nem sabe o que é isso.
(parte com a entourage)

CENA 20

EXT. CIDADE. DIA.

(Cidade. Arauto e procissão de soldados em bumbo e tocata
de trombeta vem se aproximando e aplicando um papel no
Painel Oficial de Avisos. vê-se escrito: "por sugestão do
Caincara Rudêncio e ordem do Umahla, estão proibidas todas
as casas de Banho Turco da cidade. Devem ser imediatamente
fechadas").

CENA 21

INT. CASA DO HEROI. DIA

(HEROI lê uma carta)

ZULTA

O que é isso?

HEROI

Convite da Consulesa. Vai ter uma festa para a chegada o
Cônsul e ela quer que eu vá.

ZULTA

Vá sim.

HEROI

Não sei...

ZULTA

Vai sim... você está com saudades dos pés dela...

HEROI

m,as só isso não é motivo...

ZULTA

vai sim... você precisa dar uma chupadinha nos dedinhos
dela...

HEROI

Você... É. Talvez. Mas agora eu vou visitar o Velho
Obelardo. Levo esse resto de canilha.

(corte para VELHO OBELARDO que está concertando suas peças
de couro. Ao ver HEROI chegando se entristece)

VELHO OBELARDO

Já sei. Não vamos mais ver o Uiuá. E tu me traz canilha para
o consolo.

HEROI

É, senhor Obelardo. Aconteceu um imprevisto.

VELHO OBELARDO

Eu devia saber. Esmola quando é muita...

HEROI

É que eu preciso ir a uma festa.

VELHO OBELARDO

Eu sei. Se não fosse a festa seria outra coisa.

HEROI

O senhor não está pensando que é uma desculpa.

VELHO OBELARDO

Eu penso que há um mistério em volta desse bicho. Ou ele
não existe, ou ele é mais difícil de ser visto do que o
próprio Umahla. É tudo balela. É tudo petá. Mentira e da
grossa.

HEROI

Eu não posso garantir que o tal bicho existe. Nunca vi...
mas também nunca vi o ar e dizem que ele existe... Pode ser
invenção de Rudêncio para mostrar intimidade com a copa e
cozinha do palácio... mas... amanhã tiramos isso a limpo.

Prometo de pedra e cal.

VELHO OBELARDO

Amanhã... amanhã... Amanhã é sempre depois...

(volta ao seu trabalho e pôs-se a chorar baixinho.

HEROI fica sem jeito e se prepara para sair quando ouve)

Eh! Deixa pelo menos a botija de canilha, não é?

CORTE

INT. NOITE. FESTA.

(Música de festa. Convivas andam pelo jardim. O Cônsul recebe os convidados. Consulesa está no meio das pessoas na festa. Bebem e riem. Cônsul faz um sinal para um ajudante que se encarrega de falar ao pé do ouvido de HEROI. HEROI se aproxima de CONSUL, em um outro ambiente mais silencioso e mais privado)

CONSUL

Me fale dos últimos acontecimentos.

HEROI

Não sei muita coisa... só dessas de ouvir falar... boatos... conjecturas... coisas que nem se deve prestar atenção...

CONSUL

Nada de concreto para me dizer?

HEROI

Nada de concreto. Que eu saiba. Eu deveria ter algo para dizer?

CONSUL

(ares decididos)

Pois eu cheguei hoje cedo e já sei de algumas coisinhas. Prepare-se para assistir a grandes mudanças. O processo já está em marcha.

HEROI

O processo?... Não entendo perfeitamente...

CONSUL

Nem posso dizer tudo... a ética diplomática não permite...
você entende...

HEROI

Não. Na verdade não entendo.

CONSUL

Compromissos assumidos com terceiros... Só queria deixar
claro de que todo o processo está em andamento... Agora...
mantenhamos o segredo... Vá conversar com a Consulesa. Mas,
não diga a ela nada do que falei.

(HEROI fecha a porta e entra no salão de festas com a mesma
cara inerte. A CONSULESA está no meio de altos Turunxas
fardados e cobertos de medalhas até os pés, ela sai e vem ao
encontro de HEROI).

HEROI

Fiquei sabendo de muita coisa.

CONSULESA

Como assim?

HEROI

O Consul...

CONSULESA

Não vai me dizer que el contou tudo?

HEROI

Ele contou alguma coisa mas não sei foi tudo... O que vem a
ser tudo?

CONSULESA

O Consul deseja me proteger... Então não está sabendo de
nada. Eu sei muito mais. Eu sei tudo. Tudo mesmo.

HEROI

Então, por que não me conta?

CONSULESA

Prometi guardar segredo a terceiros... Mas se prepare para assistir a grandes mudanças. O processo já está em marcha. (antes que HEROI fale alguma coisa, CONSULESA o puxa para uma varanda, tira as sandálias / senta-se no parapeito / levanta os pés / bate um contra o outro / e diz)
Lavei e lixei com pedra-pome. Vamos dar um passeio entre as árvores?

CENA 22

EXT. NOITE. VARANDA CASA DO HEROI

(HEROI retorna à noite para casa e vê RUDENCIO sentado à porta, cabeça baixa).

HEROI

Aí, Rudêncio, o que é que conta?

RUDENCIO

Me dá um cigarro.

(HEROI dá o cigarro e RUDENCIO fuma)

Gosto esquisito. Que folha é esta?

HEROI

Coisa boa. Fuma que faz bem.

RUDENCIO

(fuma sem prestar muita atenção)

Estou preocupado com você e com Zulta. Ela tomou jeito ou ainda está dando trabalho para você?

HEROI

Zulta está bem. Ficou noiva e tal.

RUDENCIO

O que é você pretende fazer se a coleta de artefatos ficar suspensa indefinidamente... ou... se houver mudança no pessoal dos Armazéns Proibidos?

(HEROI olha para ele como que percebendo algo. Pausa).

HEROI

Quer dizer que vão me tirar do trabalho? Fale logo. Qual é o problema?

RUDENCIO

Bom isso... (sopra uma baforada longa).

HEROI

É... muito bom. Mas qual é o problema?

RUDENCIO

Que fumo é esse?

HEROI

Não é fumo. É mentastro.

RUDENCIO

Mentastro? Eh, rapaz. Veja lá.

(fumou até o mais que pode, jogou a guimba, pisou)

O problema é aquele bendito bicho.

HEROI

Bicho? Que bicho? Eu não tenho bicho nenhum...

RUDENCIO

O bicho palácio.

HEROI

Mas você disse que ninguém sabia se era gente ou bicho...

RUDENCIO

Pois é.. ainda não sabem... nem eu... eu acho que é...

HEROI

O Uiua?

RUDENCIO

É. Está pondo as manguinhas de fora. Só o bobo do meu sogro não vê. Quando abrir os olhos será tarde.

HEROI

Tome jeito meu irmão. Com ciúme de um bicho.

RUDENCIO

Ninguém sabe ainda se é bicho... De repente não é...

(insatisfeito) Você é igual a Joanda. Ela também não

acredita. Ninguém acredita.

HEROI

E é para acreditar? O que é que pode um animal doméstico
contra um Caincara?

RUDENCIO

Não é contra mim. Não é pessoal. É contra todos nós.

HEROI

Agora é que eu não entendo mesmo.

RUDENCIO

Esse é o mal. Vamos todos ser evaporados sem entender.
Talvez seja o que merecemos.

HEROI

Acho que o mentastro não lhe fez bem. Conta tudo desde o
início.

RUDENCIO

Para mim aquilo foi arranjo dos inimigos. As coisa vão de
mal a pior, não só na palácio, mas no território inteiro. No
país todo... Sabe como é? Introduziram o bicho preparando o
caminho do golpe. (dando o braço a a torcer) Você disse bem,
outro dia. Parece um espião... Mas vá dizer isso ao velho.

Ele está enfeitado.

(mãos, segurando a cabeça, apoiadas nos joelho)

Devia ter dado um jeito no bicho quando ele foi lá em casa,
ainda pequeno. Agora é tarde. Cresceu, manda e desmanda.
Joga uns contra os outros. Sabe que dá ordens por cima do
velho?

HEROI

E não se pode abrir os olhos do... do velho?

RUDENCIO

E eu já não tentei? Não só não adiantou como ainda fiquei
malvisto. Passei por intrigante e estou na lista negra. Ele
diz que ainda valho alguma coisa por que sou casado com a

filha dele...

HEROI

Espera aí! Você é Caincara. Não pode ser prejudicado por um bicho meio quadrúpede e meio bípede.

RUDENCIO

Não posso? Você não sabe o que é aquilo. Aquilo bicho é um Supaia. Só falta o garfo de três dentes. O chifre ele já tem.

HEROI

Tem chifre?

RUDENCIO

Cresceu um, no meio da testa, rapidinho... Sabe a última que ele fez?

HEROI

Espere um instante. Não quer comer alguma coisa?

RUDENCIO

O que é tem para comer?

HEROI

Podemos fritar umas caíras. A esta hora é fácil pegar um monte delas na beira do rego.

RUDENCIO

Caira não. Até a gente tirar o leite... Quero comer nada não. Quero mais um cigarro, mas, daqueles.

HEROI

Não tenho mais. Os Obelardos que me arranjaram.

RUDENCIO

Deixa pra lá. Depois você me arranja um estoque com eles. Sabe o que o bicho fez dia desses? Mandou o velho calar a boca em uma reunião. Deu um berro. E o velho calou. Meu irmão. Não estou exagerando.

HEROI

E a brigada que você organizou? Vai ficar de braços cruzados assistindo?

RUDENCIO

Que brigada que nada! Tantas me fizeram que deixei o comando. Politiquice.

HEROI

Eu não sabia. Imagine se eu tivesse entrado.

RUDENCIO

É. Você fez bem de não entrar. Agora puseram lá um dois de paus. Mas quem manda mesmo é o Uiuá. (Incisivo) Escreva o que eu estou dizendo. Ele vai tomar conta de tudo. (de súbito) A propósito, aquele meu balão ainda está aí?

HEROI

(hesita, mas se decide)

Vou contar o que fizemos com ele.

(Câmara em afastamento lento enquanto os irmãos conversam. Em certo momento RUDENCIO põe a mão sobre o ombro de HEROI e a outra mão nos olhos como se chorasse. HEROI faz movimentos amplos com os braços. Coisas de voo e balonismos).

CENA 23

PANORAMICA SOBRE A CIDADE / DIA / RUAS

(Tomada da cidade. Multidão se posicionando. Haverá uma passeata. Bandeiras e bumbos / HEROI se aproxima da peixaria de OLDIVIO. Grande movimento)

HEROI

O que é que está acontecendo agora, seu Oldívio?

OLDIVIO

Não sabe? A passeata de Pescadores. A associação de Pescadores vai trazer um bruta peixe que pegaram do rio. Coisa de metro.

HEROI

Nossa! Tão grande assim o peixe?

OLDIVIO

Chamam de peixe-monstro, o tal.

(enquanto atende uma freguesa)

Vai ter até discurso do Umahla. É coisa solene mesmo. Cheio de civismo e bandeira.

HEROI

Vou embora. Prefiro falar com o homem de Mileto. Vou ver se pego um bom lugar lá onde explica as coisas pros alunos.

OLDIVIO

oh! Cuidado. Já ouvi Turunxa falar que o esse tal de Mileto não passa desse mês...

HEROI

Que é isso?

OLDÍVIO

Pois é... gente perigosa, disseram... Que ele não acredita no Uiuá...e fala pra todo mundo... Eu se fosse você não iria. Falar com esse talzinho de Mileto pode parecer uma ofensa.

(HEROI dá de ombros e se aproxima da Praça e de Tales com seus alunos. Acompanha-os a uma certa distancia)

(Tales tapa o sol com uma peneira e observa. Dois alunos. Anaxímenes e Anaximandro veem se aproximando, chega perto Anaxímenes e olha para Tales)

ANAXÍMENES

Mas o que é que tanto procuramos, Tales...?

HEROI

Oi.

(Anaxímenes responde com um sorriso / levanta a cabeça e retorna a Tales)

TALES

(voltando a si)

Vocês eu não sei... eu procuro um princípio unificador imutável, uma arké, como você bem disse outro dia, uma origem, um fundamento, uma ordem, um substrato (olha para eles) ... uma causa de todas as coisas.

ANAXIMANDRO

Uma causa de todas as causas.

TALES

O que vier primeiro.

(enquanto TALES e ANAXIMANDRO conversam afastados)

ANAXÍMENES

Oi... da onde você vem? Tem um sotaque diferente...

HEROI

(espantado)

Eu vim daqui mesmo! Vocês é que vieram de outro lugar...

ANAXÍMENES

Ah é... Rá! Como são as coisas, não?

ANAXIMANDRO

(que se aproxima e pega o rabo da conversa)

Eu ainda acho que nós viemos dos peixes. O ser humano não consegue se alimentar sozinho... me parece um ser à parte da natureza ou um erro... ou então, saindo de dentro dos peixes, ele veio para a terra...

ANAXÍMENES

(se afastando do HEROI)

Minha nossa... (mudando de assunto)

Tales... O eclipse foi calculado olhando através da peneira?

(risos)

O que acha disso, Anaximandro?

ANAXIMANDRO

Pela cara dele... o mestre não gostou e vai soltar os daimonoi de cachorro encima de nós... Se eu disser que o mundo é um cilindro, então... é capaz dele me bater na

cara...

TALES

Que cachorro coisa nenhuma... coisa nenhuma!... deuses...
daimonoi... Não... já que não calam a boca por nada...
anotem aí... enquanto as ideias me vêm de jorro... Depois eu
demonstro e provo... (pensa) se der tempo, pois tenho uma
partida de azeitonas para levar ao porto.

HEROI

Isso se os turunxas não te pegarem primeiro...

TALES

(ritual de quem pensa e se concentra / estala os dedos)
Os triângulos de ângulos iguais têm os lados proporcionais.

Anota aí.

(detalhando para os rapazes)

Descobri isso quando medi a pirâmide de Quéops... (alunos
procuram um meio para escrever, pena e papiro / um segura a
tinta que trouxeram na bolsa de pano)

ANXIMANDRO

Pensei que fosse um lanche. (tempo) Eu já acho que a
primeira coisa não foi uma substância específica, mas algo
indefinido.

HEROI

E essa coisa não tem nome?

ANAXIMANDRO

Dei o nome de Ilimitado.

HEROI

Tá... e, como é que funciona esse tal de Ilimitado?

ANAXIMANDRO

No nascimento deste mundo, uma semente de quente e frio se
separou do Ilimitado e a partir disto uma bola de fogo girou
no ar em torno da Terra, como o casco de uma árvore.

TALES

Putzgrila!... Anaximandro, por favor, cala essa boca. E nem
fala que é meu aluno.

ANAXIMANDRO

(como que teimando)

E pra mim a terra é cilíndrica e flutua no espaço.

TALES

Meus deuses (!) o que foi que ensinei para vocês. O outro me
fala que a terra é um disco que flutua no céu...

ANAXÍMENES

Igual o senhor, mestre.

TALES

Eu falei que flutua na água... muito diferente... deixa pra
lá (com a mão olhando o horizonte) Mas não estou gostando do
aglomerado lá em baixo. (todos olham e sabem da poeira que
sobe) Anotem... Lá vai outra: O ângulo inscrito num semi-
círculo é reto.

(ele pensa, olhando pela peneira e andando pela estrada ou
campo)

HEROI

E para que é que isso serve?

ANAXIMANDRO

(para o HEROI)

É... tem dessas coisas. Ele foi o primeiro a demonstrar que
o diâmetro divide o círculo em duas partes iguais.

HEROI

Como é que, agora, fala uma besteira dessas que a terra
flutua na água.

ANAXÍMENES

Sh!... Não atrapalha...

TALES

(andando / em off / enquanto os alunos escrevem)

Tudo é uma questão de dedução.

Quando duas retas se cortam, os ângulos opostos pelo vértice
são iguais.

(Tales caminha, olha para o alto, aponta para o céu)

Quando sol...

(some do primeiro plano, caindo em movimentos desesperados,
porém sem barulho exagerado / alunos correm e topam com um
buraco e poeira / procuram por Tales /)

HEROI

(grita lá pra dentro)

Oh! Tales, você presume ver o que está no céu, quando não vê
por onde anda!?

(olham-se)

Será que ele volta?

(dão de ombros / saem / tomada do buraco)

Será que é alguma brincadeira?

(ajoelha-se e pega de certos objetos estranhos na beirada do
buraco)

Isso é coisa de turunxa...

(lá embaixo / chamada a atenção do HEROI o povo que vem
envolve o HEROI e estudantes... HEROI sai para se
posicionar no meio do povo. Empurra dali e lá. Enquanto
HEROI desloca-se pela multidão / pessoas gritam / bagunça)

- O peixe já foi retalhado!

- O peixe foi confiscado pelos Turunxas.

- O peixe foi é pescado morto.

- E vão dar pra gente comer?

- O peixe verdadeiro voltou pro rio.

- O peso da carreta quebrou.

- O preço do carreto dobrou.

- A passeata foi proibida. A comissão da festa foi
presa.

(Ouve-se trovões e som de cavalaria ao longe.)

- Tem turunxa pra todo lado. Foge!

(O Ponto de Vista se ergue sobre a multidão enfocando um galope ao longe.)

- Cavalaria! A Cavalaria! (corte para as patas)

- Por que? Corram! A cavalaria (corte para o dorso)

- As crianças! Protejam! (corte para a cara dos cavalos / paralelos / movimento)

- Arrombem as portas! Depressa!

(a multidão se amontoa, levas de pessoas para todo lado.

HEROI fica preso entre a porta de uma grande Casa e a multidão com dificuldade de respirar. De repente a porta cede. Um bocado de pessoas cai lá pra dentro. HEROI e outros ajudam a trancar a porta. Ouve-se o crescendo da cavalaria, chicotes, gritos e terror.)

- Viva o novo Umahla. Viva o novo governador.

(Uma batalha na rua entre povo e turunxas / O volume sobe e desce como se a cavalaria se afastasse. HEROI abre a porta e sai para as ruas. Muita gente no chão. Gemidos. Morte.

Choro. Desvanece no rosto atarantado de HEROI).

- Viva o novo Umahla. Viva o novo governador.

(Desvanece som e imagem no meio da poeira.)

CENA 24

PANORAMICA / TARDEZINHA / MATARIA

(Clarão no horizonte de coisa queimando. HEROI chega em sua casa, assustado e rapido. ZULTA e EDUALDO o recebem com pratos de sopa e bebidas)

ZULTA

Já sabe não é? O tal do bicho aplicou o golpe.

HEROI

Que bicho?

EDUALDO

O Uiua! Ué! Foi ele que sugeriu ao Umahla a tal passeata.

HEROI

Quem disse isso?

ZULTA

Quem disse isso! O Uiua tinha Caicaras leais, prontos para o golpe.

HEROI

(tomando sua sopa)

Lorota! Boatos!

EDUALDO

É o que falam pelas ruas. E a cavalaria está em toda a parte, impondo a nova ordem.

HEROI

(pensa / pegando vara e sapiquás)

Vou até a casa de Rudêncio. Vou fingir que vou pescar...

ZULTA

Não vá. A Turunxada está lá.

EDUALDO

Depois... a pesca está proibida até segunda ordem.
(vara e sapiquás caem no chão. HEROI senta-se deprimido).

HEROI

Então... vou até sua casa Eudaldo. Tenho que falar com o velho Obelardo. Já volto.

(corte para o VELHO OBELARDO , que mexe com seu couro. De repente ele olha para HEROI. Faz um psiu com o dedo na boca)

VELHO OBELARDO

A cavalaria! Pata de cavalo não é carinho de mãe.

(e cospe para o lado olhando na cara de HEROI).

O que é que você me diz?

HEROI

De que, sr. Obelardo?

VELHO OBELARDO

De tudo.

HEROI

Parece que é o fim do mundo, não é?

VELHO OBELARDO

(olhando descaradamente para HEROI)

É verdade que temos novo Umahla?

HEROI

É o que dizem.

VELHO OBELARDO

E dessa vez um Umahla bicho mesmo, com chifres...

HEROI

Chifre?... parece que tem só um... É fim do mundo.

VELHO OBELARDO

Talvez não. Talvez dê certo.

(VOZ OFF RUDENCIO)

RUDENCIO

(grita de longe) Irmão! Eh Irmão!

HEROI

Epa, alguém me chama. Acho que vou fugir!

VELHO OBELARDO

Nada disso. É pior! Vá atender!

(corte para as patas de cavalo. A Câmara sobe até as costas do cavaleiros enquanto se vê HEROI aparecendo pela cerca com ar espantado. Corte para RUDENCIO vestido de Caincara, muito brilho e colares, e chicote dobrado na mão / cabelos longos / negros / brilhantes e lisos chapinha)

RUDENCIO

Sempre conspirando. Tenha cuidado.

HEROI

Estive preocupado com você. Mas vejo que não precisava.

RUDENCIO

É. O vento virou para o meu lado. E vocês aqui?

HEROI

Estou vivo. (olha para os lados) Zulta e Eudaldo estavam aqui agorinha.

RUDENCIO

Se preocupe não. Agora ela está com a Consulesa, ajudando numas coisinhas.

(de repente boleou o chicote, estalou no ar e de lá caiu um pássaro).

HEROI

Puxa! Que mão, hein?

RUDENCIO

Tenho treinado muito ultimamente. Já corto um jambo no meio a cinco metros de distância. Duvida?

HEROI

(olhando para pássaro) Coitadinho. Precisava fazer isso?

RUDENCIO

Fiz nada não. Quem mandou ele passar aqui agora? Justamente sobre o meu ar. Ele tinha encontro com a morte. Chegou a hora dele.

(HEROI coça a testa com estranheza daquela conversa e olha para os lados, olha para o chão. Balança a cabeça).

HEROI

(enquanto RUDENCIO desce de seu cavalo, com toda a pompa / botas muito altas que o deixam muito maior que o HEROI)
Que foi que você fez, de ontem para cá? Onde esteve? Pensei tanta coisa.

RUDENCIO

Tudo aconteceu muito depressa. Não tive tempo de vir tranquilizar você. Aliás, a demora é pouca. Só vim para dizer que estou por cima. Ninguém além de mim... (ri para o

HEROI) Que diferença do outro dia, hein?

HEROI

E o velho?

RUDENCIO

Envelheceu... Já virou fumaça. Colheu o que plantou.

HEROI

E agora? Ainda continuo preocupado com você.

RUDENCIO

Agora estou quase como quero, só faltam umas poucas coisas.

Tenho muito o que fazer nos próximos dias e não vou poder aparecer.

(bate de leve com o chicote no peito de HEROI. volta para o cavalo / escolta faz continências)

Não se preocupe que tenho tudo programado; agora, preciso ir. Se precisar de mim me procure no palácio.

(sai a trote, abrindo caminho entre inimigos invisíveis com chicotadas)

CENA 25

INTERNA. CASA DOS OBELARDOS. NOITE

ZULTA

Temos que desmarcar mais uma vez o nosso casamento.

HEROI

Por que?

VELHO OBELARDO

Falta de dinheiro. Os mandacas estão por todo lado.

HEROI

Vocês devem alguma coisa?

VELHO OBELARDO

Impostos. Todos devem. Quem é paga imposto? Não é imposto?

Eu desemposto, ora essa. Mas, Parece que os mandacas

preferem encontrar todos os nossos defeitos e faltas.

HEROI

Vou falar com Rudêncio.

CORTE

INT. SALA DE RUDENCIO

(close em RUDENCIO / duro, gritando, fechado no rosto).

RUDENCIO

Se você vem aqui pedir favores para aquela gente, vou ter que abrir mão de suas visitas.

HEROI

Eu só estou pedindo uma trégua. É véspera do casamento de nossa irmã.

RUDENCIO

Se os mandacas entrarem nessa de bonzinho com os faltosos, a máquina não anda.

HEROI

É só uma trégua... nada mais... tempo de casamento nada mais...

RUDENCIO

Só um milagre para tirar os Obelardos da bigorna. A chapa deles está esquentando.

[CORTE]

EXT. DIA

(HEROI em conversa com EDUALDO, tapando os buracos do barco)

EDUALDO

Já não tem mais que tapar aqui. Eu e Joanildo já estamos desistindo e vamos deixar essa porcaria afundar.

HEROI

O Rudêncio não topa vocês. Qual é o motivo?

EDUALDO

Coisas passadas. Bobagens. Deixa pra lá.

HEROI

Bom. Se não tenho como ajudar... também não quero assistir
à desgraça da família.

(chega Zulta)

ZULTA

Eles estão ameaçados de perder a propriedade.

HEROI

Vou tentar outra vez com Rudêncio e exigir dele uma
intervenção. Se ele não atender dessa vez, rompo com ele
definitivamente.

ZULTA

Falar com Rudêncio? Mas se é ele mesmo que está tramando a
tomada das terras!

HEROI

E por que isso?

EDUALDO

Por que um dia o Velho Obelardo pegou o Rudêncio tentando
se ajeitar com uma bezerrinha ali no barranco... coisa de
criança e passou uma descompostura nele. Só isso!

CORTE

(casa de RUDENCIO portas abertas e o HEROI entrando)

HEROI

Preciso urgente de um empréstimo para um negócio de
ocasião.

RUDENCIO

Que espécie de negócio?

HEROI

Sociedade em uma Olaria.

RUDENCIO

Olaria? Não sei de nenhuma que esteja à venda.

HEROI

Não está à venda. É um sócio que quer passar a sua parte.

(RUDENCIO olha fixo para HEROI)

RUDENCIO

Me dê os detalhes que eu arranjo isso para você sem desembolsar dinheiro.

HEROI

Como?

RUDENCIO

Deixa comigo. Basta me dar os detalhes.

HEROI

Não posso. Ele pediu segredo.

RUDENCIO

Segredo, é? Melhor ainda. Se é segredo, fica mais fácil apertá-lo.

HEROI

Não, não. Não quero apertar ninguém. Isso não. Quero do jeito certo.

RUDENCIO

Quem vai apertar sou eu. Você não precisa aparecer. E o jeito certo é o jeito que eu der... Me dá o nome desse cabra que eu resolvo o assunto hoje mesmo. Hoje, não. Amanhã.

HEROI

Não, não. Assim, não. Quero comprar direitinho. Com papéis assinados e tudo.

RUDENCIO

Você terá os papéis.

HEROI

Não. Assim não quero.

RUDENCIO

Não quer!

(joga violento os papéis sobre a mesa e aos gritos)
Quando é que você vai deixar de ser bobo? Não vê que esse homem quer negociar em segredo é porque tem alguma coisa para esconder? Pegamos ele por aí.

HEROI

Isso é assunto dele, não é da minha conta.

RUDENCIO

Não é assunto dele e é muito da nossa conta. Ninguém pode ter segredo para com o estado. O estado é soberano. O nome do homem. Eu quero o nome do homem.

HEROI

Nada feito. Esqueça.

RUDENCIO

Está bem. Mas sabe que tenho meios de descobrir?

(HEROI se afasta para a porta)

A propósito... que notícias me dá de seus vizinhos...?

HEROI

Não tenho visto.

RUDENCIO

(enquanto HEROI está de costas e saindo)

Ótimo. Em muito breve não vai ver mais. Estou dando um sufoco neles. Não demora muito e eles pedem malembe.
(aumenta o volume da voz enquanto o HEROI se afasta pelo corredor)

Me faça o favor de não ir à casa deles por esses dias para não dar falsas esperanças. É uma caridade que fazemos. Conto com sua ajuda nisso!

CENA 26

EXT. VARANDA CASA DO HEROI. MANHÃ

(HEROI sai com xícara de café para fora de casa. Ao longe a carroça dos Obelardos parte. Tomada de Edualdo subindo na carruagem e olhando para os lados de HEROI. Tomadas de longe. Obelardos partem. HEROI pensativo olha para o chão. Dá último gole.)

CORTE

EXT. RUAS. CIDADE

(HEROI andando, mãos nos bolsos pela cidade. Absorto. CONSUL vem por trás e o toma pelo braço).

CONSUL

Andando, assim aéreo por aí, você acaba pisando o pé de um trouxa. Já pensou?

(CONSUL está de bengala, manca).

HEROI

Opa! Como vai? Como vai de saúde? A Consulesa vai bem?

Quanto tempo...

(caminham)

CONSUL

Ela está bem, na medida do possível. Desapontada, naturalmente.

(CONSUL faz sinal para que subam a carroça).

HEROI

(na partida dos cavalos)

E as coisas como vão? O que o senhor me conta desses últimos acontecimentos?

(silêncio por parte do outro que finge não escutar. Vira a cabeça para o lado e cantarola. Aí CONSUL se lembra e tira dois charutos de dentro do bolso do paletó).

CONSUL

Aceita? Charutões de folha de bananeira nanica! É pegar
antes que acabem.

(acendem os charutos.) Essas bananeiras estão extintas,
quase...

(Passam a curtir os charutos enquanto paisagem se
desenrola).

Fiquei sabendo que a arte de fumar esses charutos foi
herdada do zuumbas, que habitavam esse território.

HEROI

Foram proibidos. Alguém não gostava do cheiro ou da cor da
fumaça ou ainda do tamanho dos charutos, não sei bem...

Esse alguém podia proibir e proibiu.

CONSUL

Depois?

HEROI

Depois, na época da Grande Fome, uma nutricionista do
governo provou que a fumaça do charuto alimentava tanto
quanto a fruta... sabe... vitaminas e proteínas... e foi
liberado novamente.

HEROI e CONSUL

O pecado de hoje acaba sendo a virtude de amanhã
(paisagem / a charrete vai)

CENA 27

INTERIOR CASA DE CONSUL.

(CONSUL entra e deposita o chapéu e bengala, senta-se E
tilinta um sino)

CONSUL

Estou pensando em pedir uma longa licença ou, ainda...
quem sabe?... me aposentar de vez. Essa coisa toda já não é
mais para mim...

HEROI

Então, vão nos deixar logo. Vai... vão... vai...

CONSUL

Parece que não há outro jeito, meu pequenino amigo. E, por castigo, numa hora dessas.

(olha, vagamente, para o chão. De repente...)

Saiu tudo errado. (emocionado) Um trabalho tão bem planejado. (pausa reflexiva) Um plano a prova de tudo - fulpruf - como dizemos na minha terra - Fulpruf. Quem diria...Tanta coisa surgindo de repente para atrapalhar.

HEROI

O Uiuá?

CONSUL

(senta-se, recebe água do serviçal - um sujeito esverdeado - que serve o HEROI)

O Uiuá. Seu irmão. Os falsos conselheiros. As falsas visões... Outras e tantas coisas.

HEROI

É... E, agora?

CONSUL

Agora é seguir o sábio ditado que a cultura dessa terra de vocês nos brinda:

HEROI E CONSUL

Carga, Mamão e Bola Fora.

(a porta de dentro de abre. Consulesa aparece bocejando, caminhou como sonâmbula, abriu os braços para o jardim e respirou fundo. HEROI observa. Ela evoca um mantra / respira novamente / Acorda finalmente com um tremelique e vem sentar-se ao lado de HEROI. Apoia-se no ombro de HEROI)

CONSULESA

Estou tão cansada...

CONSUL

Grande novidade... quem não está?

CONSULESA

(olhando ao longe)

É. Quem não está? Perdi muita energia... as auras do mundo me deixaram... sabe...

CONSUL

(tocando no joelho com a bengala)

Alguma orientação, alguma palavra de consolo pelo menos, para o nosso amigo aqui?

Parece que ele precisa... não acostumados com essas viradas da política...

CONSULESA

(olha para HEROI, dentro dos olhos, esse olhar ganha paixão e significado, ela se apaixona e cai em si)

Tenho sim. Tenho uma mensagem para ele. Agora percebo. É para ele!

CONSUL

Mais tarde querida! Ou outro dia. Ele agora quer almoçar e eu também.

CONSULESA

Está bem. Mas tem que ser hoje. É muito importante.
(desvanece)

CENA 28

INT. NOITE. CASA DA CONSULESA

(A porta de um quarto. A CONSULESA pé ante pé. Barulho de ronco. CONSULESA encontra o HEROI na varanda)

CONSULESA

Já dormiu. Tenho muita pena dele. Não é mais o mesmo homem. Os últimos acontecimentos o abalaram muito. Mas, vamos à mensagem.

HEROI

To muito interessado não.

CONSULESA

Escute com atenção.

HEROI

Estou aqui mais para dar tempo que os Obelardos ganhem
distancia.

Será que eles pensam em mim? Será que botaram a culpa em
mim?

CONSULESA

(em transe)

Será necessário construir um navio imenso.

HEROI

Isso é brincadeira de mau gosto. Não há mar, aqui.

CONSULESA

(transe)

E ainda por cima construir em segredo, para que as
autoridades não saibam.

HEROI

É essa a ideia salvadora?

CONSULESA

(transe / escreve psíquica)

Eu mesma já fiz uns esboços sumários... durante um de meus
sonhos... O navio tem que incorporar o que há de mais
recente na construção naval...

HEROI

Onde será construído?

CONSULESA

(enrolando os planos)

Na Floresta... a Comissão Executiva Secreta escolheu e
marcou o lugar na floresta

HEROI

... se Rudêncio descobrir.

CONSULESA

Descobrir o que? Um sonho de cada um de nós?
(barulho na rua. Ela sai do transe / Arauto, em caminhão de som.

HEROI e CONSULESA se dirigem para a janela).

SOM:

Atenção... atenção para as novas leis...
Todos os dias... todo indivíduo do território deve soltar foguetes.
Atenção... De dia os que fazem muito barulho... de noite os que soltam aromas e cores... Atenção! Essa é a Lei de Fomento da Soltação de Foguete...
Todos as noites... todo indivíduo do território deve soltar...
(o som perde-se na rua. HEROI e CONSULESA se olham. CONSUL vem de seu quarto. Mãos no bolso do roupão. Abre a porta com olhar estatelado).

CONSUL

Viram! Viram?

(um estado de impotência entre os três. Então alguns criados saem e felizes, na rua começam a soltar foguetes. Em seguida uma saraivada deles. Na rua estão felizes e brincam.)

[FUSÃO]

(Rostos de CONSULESA e HEROI observando os folguedos)

[FUSÃO]

(pirotecnia da noite. HEROI olha para cima, na sua maneira de enfiar a mão nos bolsos. Uma longa sessão de fogos. A calma da noite. HEROI pega canilha, pega bananas, olha a noite, grilos e silêncios. Depois de algum tempo HEROI percebe luzinhas numa direção. HEROI sorri. Pega uma

cumbuca, acende a lamparina e sai na direção. Encontra com filas de pessoas carregando suas luminárias, alegres).

HEROI

O que está acontecendo aqui?

PESSOA

Não sei. Tanta gente para as ruas com luzes que saímos também.

PESSOA1:

Deve ser alguma festa.

HEROI

E pode?

PESSOA 1

Pode não. Deve. Lembra da Lei de Fomento à Soltação de Foguete?

HEROI

Lembro. Eu fui um dos que assinou para acabar com ela. Soltar Foguete é queimar dinheiro. Eu achava isso e ainda acho. É jogar dinheiro no lixo.

PESSOA 1

Então fala baixo. O Governo achou que se tem gente com tempo para assinar abaixo-assinado contra a soltação foguete é por que tem tempo para soltar mais foguete ainda.

HEROI

Mas ta na cara do pessoal que ninguém ta feliz com nada...

PESSOA 1

Enquanto a ordem for soltar foguetes, vamos soltar foguetes.

(Lá se foi P1 a soltar foguetes. Aproximam-se do lago e deixam lá suas luminárias, iluminando o lago. Sentam-se nas bordas. Começam uma canção significativa. A moça do lado de HEROI sorri. Eles se entendem. Dão se as mãos. Tomada do

casal e a seus pés algumas luzes. Tomada do lago e todas as
luzes. Tomada geral ampla.

Do horizonte um trote / ou caminhão de turunxas / ou
cavalhada / e na frente / vemos em silhueta / sobre o
caminhão / um enorme bicho com um chifre na testa / parecido
com macaco / passa parecendo rei.

Desvanece

FIM

Título II

Das Obras Intelectuais

Capítulo I

Das Obras Protegidas

Art. 7º São obras intelectuais protegidas as
criações do espírito, expressas por qualquer meio ou
fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível,
conhecido ou que se invente no futuro, tais como:

.....

XI - as adaptações, traduções e outras transformações de obras originais, apresentadas como criação intelectual nova;

.....

XIII - as coletâneas ou compilações, antologias, enciclopédias, dicionários, bases de dados e outras obras, que, por sua seleção, organização ou disposição de seu conteúdo, constituam uma criação intelectual.

.....

OS PECADOS DA TRIBO - mapa de cenas

CENAS E LOCAÇÕES E ELENCO

CENA I - EXTERNA CIDADE na casa do COURACAS

Turunxas / Herói / Fitas verdes

CENA II - CASA DO Herói

Herói / Rudencio / Cônsul / Consulesa / Mãe / Zulta

CENA III- EXT / CASA DO H

Zulta / mãe / H /

CENA IV - EXT MATO

HEROI

CENA V - INT - CASA DO H

ZULTA / H / MÃE / RUDENCIO

CENA VI - EXT GUERRA mato

BALONEIROS E TURUNXAS

CASA DE H

RUDENCIO / ZULTA/HEROI

CENA VII - EXT CASA DO HEROI

ZULTA /H /EDUALDO

CENA VIII - EXT CASA DO HEROI

RUDENCIO /ZULTA / HEROI

CENA IX - EXT CIDADE

ZULTA MÃE /MULHERES /RUDENCIO / H

EXT ESTRADA

TURUNXA /H /RUDENCIO / TURUNXAS

CENA X - CASA DO H

ZULTA / H /MÃE

CENA XI - CASA DE H

CONSULESA / H /

CENA XII - CASA DO H

RUDENCIO /H/ RAPAZES

CENA XIII - CASA DO H

RAPAZES/ H

MATO

H /RAPAZES / TURUNXA

CENA XIV - CASA DO HEROI

TRES HOMENS / H / OBELARDOS /CONSULESA /ZULTA /EDUALDO

CENA XV-EXT CASA DE H
RUDENCIO / H

CENA XVI - EXT / CIDADE
HEROI /VIZINHA / RAPAZ COM CICATRIZ
CASA DE CONSULESA
CONSULESA /HEROI
CASA DO H
ZULTA / HEROI
CASA DOS OBELARDOS
CONSULESA / RAPAZES / VEI OBELARDO

CENA XVII - EXT. CIDADE CASA DOS COURACAS
HEROI / OLDIVIO /TURUNXA

CENA XVIII-CASA DOS OBELARDO
VEI OBLARDO / H

CENA XIX -CASA DO H
RUDENCIO /HEROI /

CENA XX - CIDADE

CENA XXI -CASA DE HEROI
H /ZULTA /VEI OBELARDO
CASA DO CONSUL
CONSUL / HEROI / CONSULESA

CENA XXII - CASA DO HEROI
HEROI / RUDENCIO

CENA XXIII - CIDADE /PASSEATA

HEROI / OLDIVIO / BATALHA / CAVALARIA /TURUNXAS MOTORIZADOS

CENA XXIV- EXTERNA

ZULTA /EDUALDO /HEROI /VEI OBELARDO /RUDENCIO

CENA XXV-INTERNA - CASA DE OBELARDOS

ZULTA / HEROI /VEI OBELARDO / RAPAZES

SALA DE RUDENCIO

RUDENCIO /HEROI /

EXTERNA - CASA HEROI

HEROI /EDUALDO /ZULTA

CASA DE RUDENCIO

RUDENCIO /HEROI

CENA XXVI - CASA DE HEROI

OBELARDOS /HEROI /

CIDADE

HEROI / CONSUL /

CENA XXVII- INT. CASA CONSUL

CONSUL / HEROI / CONSULESA

CENA XXVIII -INT CASA CONSUL

CONSULESA /HEROI /CONSUL

NOITE EXTER

HEROI /PESSOA

